

A travessia entre o Xingú e o Tapajoz

pela Dra. EMILIA SNETHLAGE

(Com um mappa e estampas 1 a XV)

A região compreendida entre o Xingú e o Tapajoz é até agora uma das menos conhecidas da America do Sul. Os cursos medios d'estes dois grandes tributarios do Amazonas só foram explorados na ultima parte do seculo passado em viagens feitas pelo Dr. v. d. Steinen (Xingú, 1884) e H. Coudreau (Tapajoz, 1895-96, Xingú, 1896). Achamos tambem nos mappas os cursos hypotheticos de dois grandes affluentes, do Iriri (margem esquerda do Xingú) e do Jamauchim (margem direita do Tapajoz), cujas boccas foram fixadas por Coudreau e sobre as quaes o mesmo autor colleheu algumas informações escassas e não sempre exactas, embora assim mesmo de grande interesse geographico. O que n'estas noticias chamou a minha attenção era o facto, que ellas quasi deixam a impressão de existir uma communicação hydrographica (ao menos no inverno) entre os dois rios. É facil ver que um tal facto, alem de ser de alta importancia geographica e economica, facilitaria muito uma exploração d'estas regiões quasi desconhecidas. Animada pela recepção hospitaleira e o auxilio que recebi no baixo Tapajoz durante algumas semanas passadas na Ilha de Goyana em dezembro de 1906, propuz-me a tentar a travessia entre o Tapajoz e o Xingú pelos affluentes mencionados, viagem que com poucas despesas promettia bellos resultados.

Tendo conseguido em Santarem o apoio da importante casa de commercio dos Snrs. Souza e Braga, concedido com a maior amabilidade, parti da capital a 11 de outubro

PARTE SCIENTIFICA

de 1908 e cheguei a 19 do mesmo mez ao ponto terminal da navegação a vapor no Rio Tapajoz ao pé da primeira cachoeira. Aqui tive a ventura de encontrar o Sr. coronel Raymundo Brazil, prefeito do alto Tapajoz e proprietario não só da maior parte dos seringaes do medio Tapajoz como tambem do baixo Jamauchim. Não posso deixar de agradecer n'estas linhas a este senhor os serviços inestimaveis que elle me prestou, recommendando-me aos seus empregados no Jamauchim e pondo á minha disposição a igraté que partiu para este rio pouco depois da minha chegada sob a direcção do Sr. Bentes Paranatinga. Tambem a este senhor estou muito obrigada pela hospitalidade verdadeiramente brasileira que elle me dispensou não só na sua casa em Pimental como tambem durante a viagem até Sta. Helena, no baixo Jamauchim. Demorei-me alguns dias n'este ultimo lugar, recebida e hospedada da maneira a mais amavel pelo Sr. Francisco Brazil, então administrador d'essa importante colonia. Com prazer utilizei-me da offerta d'este senhor de acompanhá-lo n'uma viagem rio acima e cheguei assim a Tucunaré, centro da ultima região habitada do Jamauchim. Tive a vantagem de achar ahi, alem da hospitalidade, grande interesse pelo lado geographico da minha missão. Já alguns mezes antes o Sr. Manoel Xisto de Correa, proprietario de Tucunaré e dos grandes e ricos seringaes do medio Jamauchim, tinha realizado explorações no curso superior do rio, constatando n'esta occasião a existencia de uma serie de cachoeiras e saltos muito importantes pouco acima da bocca do Arury. Tinha levantado um mappa cuidadosamente detalhado d'esta região, do qual elle me offereceu uma copia que agora se acha no Museu. Elle quiz ainda ajudar-me, mandando-me até o ponto donde se podia tentar a travessia ao Rio Curuá (eu já tinha verificado n'este tempo que a comunicação por agua da qual falla Coudreau, não existe), mas infelizmente a enchente do rio já estava muito adeantada. A 22 de dezembro, tendo chegado até ao pé das grandes cachoeiras de cima, que n'este tempo já não se podiam passar em canoa sem perigo de vida, tive de regressar.

Esta expedição, embora sem resultado geographico definitivo, não foi debalde. Aprehendi pessoalmente e por

informações fidedignas muitas coisas de importancia para uma segunda viagem. Antes de tudo vi que com os recursos limitados dos quaes o Museu dispõe, a unica possibilidade de alcançar o meu alvo seria de fazer uma outra tentativa do lado do Xingú, pois só no Rio Curuá (sub-afluente d'este ultimo por intermedio do Iriri) podia contar com alguma certeza de encontrar entre os indios Curuahé guias para a travessia terrestre.

De volta ao Pará expuz o meu novo plano ao director do Museu, e com a benevolencia, que já tantas vezes tinha tido occasião de conhecer, o nosso chefe me concedeu os meios necessarios e me apresentou ás autoridades, cujo auxilio eu tinha a sollicitar. Foi em primeiro logar o Sr. senador J. Porphirio Miranda Junior, intendente de Souza e proprietario de importantes territorios no Xingú assim como de todos os seringaes até agora explorados nos rios Iriri e Curuá. Já quero dizer aqui que, se esta vez alcancei o fim proposto, o exito feliz é devido ao interesse affavel e á iniciativa energica com que o mencionado cavalleiro quiz acceitar o meu pedido. Elle tomou logo as medidas necessarias para facilitar de todas as maneiras a expedição projectada e garantir-me o apoio de seus auxiliares em todos os logares por onde por ventura passasse.

Nos primeiros dias de junho de 1909 o vapor *Brito* levou-me a Victoria, ponto inicial da importante estrada que atravessa os terrenos inclusos pela grande volta do Xingú, facilitando enormemente o trafego n'este rio, pois ella permite vencer em um a dois dias a distancia de Forte Ambé a Victoria, que em canoa raramente pode ser feita em menos de um mez por causa das perigosissimas cachoeiras que interceptam esta secção do rio.

Em Victoria demorei mais de duas semanas, esperando a chegada do meu futuro companheiro de viagem, retido em Belem por doença. Aproveitei d'esta circumstancia para estudar a fauna interessantissima e até então perfeitamente desconhecida da região. Ella apresenta uma mistura de formas campestres e silvestres e contém alem de especies amazonicas *sensu strictiore* outras, sómente conhecidas até agora do Sul do Brazil e do Matto Grosso. Na margem esquerda do Igarapé de Victoria, em frente da povoação

do mesmo nome, acham-se alguns pequenos campos habitados pela fauna costumeira de taes logares. Estas campinas tem agora uma continuação artificial nas extensas roças e plantações atraz e dos dois lados da estação. Fiquei muito surprehendida pelo estado de adeantamento e de aperfeiçoamento agronomico em que se acha esta parte da Amazonia. Especialmente admirei os vastos capinsaes limpos e bem mantidos que servem para alimentar as centenas de cabeças de gado vaccum criadas aqui, e as numerosas mulas necessarias para o serviço da estrada.

A mesma impressão de riqueza, cultura e progresso causaram-me as outras colonias ao lado e no ponto final da Estrada, especialmente Ponte Nova e Boa Vista, centros de agricultura como Victoria e Forte Ambé. Além d'isto os dois ultimos logares mencionados têm uma grande importancia commercial, como depositos de todas as mercadorias exportadas e importadas no medio e alto Xingú. A estrada atravessa um terreno ondulado, um pouco mais accidentado na parte meridional e coberto, fora das plantações pela frondosa matta virgem caracteristica da terra firme. Nos arredores de Forte Ambé o aspecto d'esta matta parece indicar que ella já não é primitiva mas antes um «capoeirão», sendo em geral baixa e extremamente cerrada, quando ainda troncos altos e isolados indicam a altura á qual devia chegar a matta antiga.

No alto da ultima collina antes de chegar a Forte Ambé abre-se uma vista das mais bellas que conheço na Amazonia. O viajante vê em baixo o Xingú, que forma uma bahia larga e magestosa em cuja margem se mostram os edificios vistosos do Forte e um pouco mais adeante a florescente povoação de Alta Mira. No horizonte alinham-se outras series de collinas, todas cobertas d'essa matta interminavel, tão caracteristica das paizagens amazonicas, mas raramente vista em tanta extensão como aqui.

Em Victoria como em Forte Ambé fui recebida e hospedada com a amabilidade a mais perfeita e é mister que agradeça mais uma vez aos Snrs. Virgolino da Costa, Dr. Lindolpho Abreu, Pedro Leite e suas dignas familias a amizade com que me tratavam.

Em Forte Ambé encontrei o Sr. coronel Ernesto Ac-

cioly de Souza, que quiz dar-me passagem nas suas canoas até ao ponto onde começa a travessia por terra. Se foi o senador Porfirio Miranda que me abriu as portas do successo, posso dizer que o coronel Ernesto Accioly me conduziu até quasi ao termo. Elle não somente me offereceu hospitalidade nas suas canoas durante mais de 6 semanas, mas tambem deu-me as mais preciosas informações sobre os rios Iriri e Curuá, que elle explorou o primeiro e dos quaes é o melhor conhecedor. De importancia ainda maior para a sorte da minha viagem foi o facto que, usando de sua influencia com os indios Curuahés e Chipayas elle me procurou os guias necessarios para atravessar a região inexplorada entre o Curuá e o alto Jamauchim. Basta isto para mostrar em que alto grau o mencionado cavalheiro tem direito não só á minha gratidão mas tambem á do mundo scientifico que se interessa pela exploração das regiões desconhecidas do interior do Brazil.

O primeiro de julho partimos de Forte Ambé n'uma igarité grande e confortavel que nos levou até ao pé da Cachoeira grande do Iriri. A navegação aqui como nos rios Iriri e Curuá foi pela maior parte penosissima devido á estação adeantada do verão. As aguas já tinham baixado muito, e muitas vezes os tripulantes tinham a puxar pela areia as canoas pesadas ou a tirar uma a uma as pedras que obstruiam o caminho.

Lembro-me mesmo de um trecho do rio Curuá onde foi preciso transportar a igarité suspendida n'um espaço de ao menos meio kilometro, e não poudé deixar de admirar a paciencia, o zelo e a bôa vontade dos tripulantes n'este trabalho longo e duro. Ainda mais difficil e sobretudo mais perigosa é a passagem das cachoeiras, mais fortes no rio Iriri, mais numerosas nos rios Xingú e Curuá.

A parte do Xingú que percorremos até a bocca do Iriri tem no verão um aspecto singular. Dizem d'este rio que elle tem mais pedras que agua e effectivamente foi esta a impressão que tive do seu valle enormemente largo, interrompido pôr innumeradas ilhas grandes e pequenas, cobertas de arbustos escassos ou de uma matta geralmente baixa e pouco luxuriante. Este valle é formado por series de praias e pedraes entre as quaes caminham preguiçosa-

mente os numerosos fios de agua cuja totalidade forma o Xingú da estação estiva. Se imaginarmos o fundo do rio levantado de alguns metros, teremos no lugar do rio um campo mais ou menos igual aos que se acham em muitas partes do baixo Amazonas e dos seus tributarios septentrionaes.

A bocca do rio Iriri consiste, como já escreveu Coudreau, de dois braços, o septentrional dos quaes só é navegavel no inverno. Entrámos no braço meridional na tarde do dia 5 de julho e chegámos na manhã do dia seguinte ao pé da Cachoeira grande do Iriri. O coronel Ernesto tendo achado conveniente deixar abaixo da cachoeira a nossa igarité grande, continuámos a viagem em ubás e outras canoas mandadas ao nosso encontro de Sta. Julia. Porem são erroneas as noticias de Coudreau sobre a impossibilidade de navegar o Iriri da Cachoeira grande para cima em igarité ou de passar canoas pela cachoeira. O Iriri até a bocca do Curuá dá sempre passagem a igarités de cinco mil kilos, embora a navegação seja penosa durante os mezes mais seccos; a Cachoeira grande, apesar de ser uma das mais fortes que conheço, passa-se por agua em tempo favoravel. É verdade que a descida—como em todas as cachoeiras fortes—é sempre perigosa. Em sua ultima viagem o coronel perdeu n'este lugar uma igarité grande e onze tripulantes.

Demorámos um dia inteiro na Cachoeira grande para esperar as canoas de Sta. Julia, e poudé então admirar á vontade a paizagem grandiosa que se estende ao pé do monticulo onde tinhamos estabelecido o nosso acampamento. Ao Oeste o rio forma uma especie de lago (aliás pouco fundo n'este tempo) de uma bôa legua de largura; ao Este esta bacia é fechada quasi completamente por um travessão de pedra baixo, que só deixa passar as aguas n'uma fenda estreita, onde ellas descem com força enorme, formando dois saltos de alguns metros de altura cada um. Em baixo da Cachoeira e até a bocca o Iriri tem o caracter dos rios silvestres normal, não demasiadamente largo (mais ou menos da largura do baixo Guamá) e é interrompido por algumas ilhas cobertas de matta alta; seu aspecto é aqui muito differente do das vastas bacias do seu curso

medio ou do Xingú. Quanto á vegetação gozei aqui pela primeira vez um espectáculo que só se pode ter nas cachoeiras e mesmo aqui só no principio da vasante; todas as pedras d'esta cachoeira estavam cobertas de verdadeiras almofadas de Podostemaceae. O desenvolvimento d'estas plantas minúsculas e graciosas podia ser estudado aqui em todas as suas phases, do primeiro veio ligeiro e esverdeado que se mostra nas pedras ainda completamente submergidas, até as camadas espessas e luxuriantes da folhagem plenamente desenvolvida á flor d'agua, até as milhares e milhares de florsinhas que elevam suas mimosas corollas brancas em galhinhos transparentes de côr de rosa nos lugares apenas abandonados pelas aguas e até os restos quasi invisiveis formados pelas plantas dissecadas que se encontram nas partes mais altas do pedral. Quem passa algumas semanas mais tarde pelo mesmo lugar não vê mais vestigio nenhum d'estes jardins em miniatura, cuja graça ainda é exaltada pelo contraste do deserto de pedras e aguas tempestuosas que os rodeia.

Na tarde de 6 de julho chegámos depois de algumas horas de viagem em ubá a Sta. Julia, a mais velha e mais importante colonia do Iriri. A povoação consiste de algumas casas maiores e um numero de barracas cuidadosamente feitas e bem mantidas e dá uma impressão de prosperidade e progresso, como aliás a inteira parte colonizada dos rios Iriri e Curuá. Acha-se aqui alem de uma importante succursal da casa Porfirio Miranda Junior, um estaleiro pertencente á mesma firma. Nas collinas da terra firme visinha acha-se ainda bastante cedro (madeira tão necessaria para a fabricação de canoas) mas os principaes seringaes, a verdadeira riqueza do Iriri-Curuá, se encontram mais acima.

Sta. Julia é situada na margem direita de uma ilha não muito grande, coberta de matta quasi continua, mas pouco espessa. Em quanto que o braço direito do Iriri é sempre navegavel o braço esquerdo era n'este tempo do anno tão baixo que se podia atravessal-o a pé quasi até a margem opposta. Em todo o curso inferior do rio da Cachoeira grande até S. Francisco, como no Xingú, raramente me abandonou a impressão de navegarmos n'um campo inundado, e esta sensação ainda foi augmentada pela observação da

fauna do rio e das suas ilhas, que muito lembra a dos campos amazonicos. Já fallei em outro lugar d'estas relações notaveis.

N'esta região são raros os logares onde se vêem ao mesmo tempo ambas as margens do rio por causa do leito do rio muito largo e cheio de ilhas de todós os tamanhos. Muitas vezes ellas são marcadas por collinas baixas, cobertas de matta apparentemente mais alta e compacta que a das ilhas em geral.

Em certos logares acham-se agglomerações consideraveis de palmeiras babassú (*Orbignia speciosa* Barb. Rod.) Arvores em flor vi relativamente poucas, mas nos pedraes e na agua baixa um arbusto quasi sem folhas, ostentando abundancia de grandes e bellas flores d'um amarello rosado, formava, em contraste com as tintas azues da agua e do ceu, um ornamento delicioso da paisagem.

Os preparativos necessarios para a continuação da viagem detiveram-nos em Sta. Julia até ao 18 de Julho. Na manhã d'este dia partimos para a bocca do Curuá, onde se acha mais uma filial florescente da casa principal. Percorremos a distancia consideravel entre os dois logares em 17 dias (8 de julho—4 de agosto) de viagem continua, só interrompida pelas demoras necessarias á passagem das cachoeiras mais fortes e por uma curta visita a S. Francisco. De Sta. Julia até um pouco em baixo de S. Francisco o Iriri offerece sempre o aspecto já descripto de rio largo, cheio de ilhas e pedraes, marginado muitas vezes de extensas praias, onde agora mesmo as tracajás começavam a pôr os ovos.

Passámos a 21 de julho na cachoeira da Soledade, pouco perceptivel no verão, e chegámos na tarde do 27 ás duas cachoeiras fortes que obstruem o curso medio do Iriri. São estas a do «Iriri velho» e poucos kilometros mais adeante a «Cachoeira secca». Ambas apresentam-se como bacias largas, cercadas de collinas e atravessadas por canaes mais ou menos estreitos nos quaes as aguas do rio descem, formando pancadas fortes. Foi preciso descarregar completamente as canoas e puxal-as para cima por meio de cordas, a grande custo de tempo e de forças. Gastou-se mais de um dia n'este trabalho. Na tarde de 29

atravessámos mais uma cachoeira, a do Julião, menos forte que as duas precedentes e 24 horas depois alcançámos S. Francisco, onde pela primeira vez desde a partida de Sta. Julia pernoitámos n'uma casa.

De S. Francisco para cima o aspecto do Iriri muda muito. Embora o rio seja sempre consideravel, não se assemelha mais a um archipelago, mas corre n'um canal largo entre margens bem distinctas e quasi sempre visiveis ao mesmo tempo, continuando assim até á Bocca do Curuá. Quanto ao seu curso superior, o coronel Ernesto Accioly, que o navegou ainda até acima d'este ultimo lugar, me informou que elle continúa na direcção S. S. E. (na subida) e que depois de 15 dias de viagem ainda o achou da mesma largura, signal que as suas cabeceiras são bem distantes. Até 8 dias acima da bocca do Curuá ainda se encontram seringaes explorados.

O Iriri inferior e medio hoje já estão bem povoados. Coudreau em 1896 ouviu falar de mais ou menos 70 habitantes civilizados n'este rio. Hoje estima-se em mais de mil o numero das pessoas occupadas nos seringaes e nas casas de commercio do Iriri, e esta comparação mostra mais que nenhum outro facto o progresso que o desenvolvimento do rio fez em menos de quinze annos. Abundam as barracas de seringueiros nas margens e nas ilhas e a borracha que se produz aqui tem a reputação de ser a melhor do Estado do Pará. Já mencionei as tres importantes casas commerciaes de Sta. Julia, S. Francisco e Bocca do Curuá. Perto d'ellas acham-se roças extensas, em estado de alta cultura, verdadeiros paraizos de fructas tropicaes, cereaes, etc., que chegarão em breve a tornar este rio independente da importação d'estes generos alimenticios necessarios. A pescaria e, até agora, mesmo a caça dão resultados riquissimos, de maneira que no curso da nossa viagem nunca foi preciso comer carne secca, comida quasi obrigatoria do seringueiro e do cachoeirista d'outros rios.

Na Bocca do Curuá passámos quatro dias apraziveis na casa do Sr. Adolpho, gerente da filial, ao qual estou obrigada não só pela hospitalidade affavelmente offerecida, mas tambem por valiosas offertas de animaes e plantas para a minha collecção. Visto do rio o lugar, situado

no extremo da ponta alta formada pela confluencia dos dous rios e sombreado pelas copas luxuriantes de algumas mangueiras novas, offerece um aspecto muito bonito. Porém o facto que aqui mais me impressionou foi o meu primeiro encontro com indios selvagens.

Pertenciam elles ás tribus dos Chipayas e Curuahés e tinham descido o Curuá para ir ao encontro do coronel Ernesto, que costuma visitar annualmente a primeira maloca do Curuá, a do Chipaya Manoelsinho, para trocar perolas (missanga), machados, facas, etc., contra as ubás que estes indios sabem fazer á perfeição e que servem como meios de communição em todo o Iriri e Curuá.

Estas duas tribus são principalmente conhecidas até agora na literatura geographica e ethnographica por noticias colhidas pelo principe Adalberto de Prussia e por H. Coudreau. Mas nem estes dois viajantes nem K. v. d. Steinen entraram em relações directas com elles. Assim não me parece ser sem interesse de reunir aqui os respectivos trechos dos livros dos meus predecessores, as informações recebidas do coronel Ernesto Accioly e as observações feitas por mim.

O principe Adalberto (*Kletke, Reise des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien*, Berlin 1857, p. 685) falando dos Jurunas e Tacanhapéz continúa: «vem depois os *Axipai*, que são pouco numerosos; elles são mansos, pouco habeis e cobardes na guerra e por causa d'isto foram sempre repellidos. Ao contrario os *Peapai* são numerosos e são elles os inimigos principaes dos Juruna e Tacanhapéz. O mesmo pode-se dizer dos *Curierai*, proximos visinhos das tres primeiras tribús ás quaes elles movem uma guerra continua». Esta noticia parece em parte baseada em informações pouco exactas ou mal comprehendidas. Ao menos pode-se dizer quasi o contrario dos Chipaya (*Axipai*) e Curuahé (*Curierai*) actuaes. São os Chipaya a raça mais valente e mais numerosa das duas.

Coudreau já é mais explicito e as suas indicações estão mais de accordo com o estado actual das coisas: «Les Achipayes ou Achupayes sout des indiens de l'Iriri, où on les rencontre depuis chez Ernesto Accioly (apparentement o Sta. Julia de hoje) jusqu'à environ 15 jours en amont et

même au dessus. Jusqu'à 15 jours en amont, ils sont mêlés à la population civilisée de l'Iriri; au-dessus et jusqu'à quelques jours en amont dans le Curuá d'Iriri, il ne se trouve pas encore de population civilisée et les Achipayes vivent là de la vie primitive indienne, mais mansos et déjà relativement policés. Dans le Curuá, la première maloca achipaye en aval est à 5 jours au dessus du confluent avec l'Iriri et la dernière à 7 jours au dessus de la première, soit à 12 jours du confluent. Les Achipayes seraient de la même famille linguistique que les Jurunas avec lesquels ils se comprendraient assez facilement».

«Les Curuayes ou Curinayes ou Curueyes, car on les appelle au Xingú de ces différents noms — auraient leurs malocas dans les forêts de la rive gauche du Curuá de l'Iriri. Quand ils apparaissent à l'Iriri, on leur remarque des objets de provenance civilisée qu'ils tiennent; suppose-t-on, soit des civilisés du Jauamaxim par les Mundurucús, soit des Mucambos du Curuá d'Ituqui par les Araras. En 1895 on les voit traverser le Xingú sur différents points, en amont de Piranhacuara. Une douzaine d'ubás passèrent de la rive occidentale à la rive orientale. Quelque temps après les Curayes traversèrent à nouveau et laissèrent leurs ubás sur la rive du couchant, à la hauteur de l'Ilha Grande comme latitude moyenne».

Segundo as informações que me deu o coronel Ernesto Accioly, os *Chipaya* vivem hoje retirados da parte civilizada do Iriri-Curuá, embora alguns sirvam como tripulantes no serviço das canoas. Elles são estimados antes de tudo como pilotos perfeitos. As suas principais malocas acham-se agora no alto Curuá e no alto Iriri. A primeira maloca do Curuá, que se encontra depois de 8 dias de viagem (no verão, em igarité) é a de Manoelsinho, indio intelligente e energico, que passou alguns annos entre os civilizados na região de Forte Ambé onde elle adoptou o costume de vestir-se e de usar cabellos cortados. Elle é, ao meu saber, o unico indio d'esta região que comprehende e falla bem o portuguez, grande amigo dos brancos e especialmente do coronel Ernesto e mediador dos negocios entre os seus patricios e esse ultimo. No tempo em que eu estava no Curuá, elle ainda era pagão, mas tinha a in-

tenção de baptisar-se na primeira ocasião. Os outros chipayas das malocas guardam ainda quasi todos os costumes e o traje primitivos; elles são valentes, amigos dos civilizados em quanto estes ultimos não os offendem, mas não podem ser chamados «policíes». A sua lingua é quasi a mesma como a dos Jurunas, como já disse Coudreau. As palavras que verifiquei são muito semelhantes ás dos Jurunas colleccionadas nos vocabularios de K. von den Steinen e Mme. Coudreau.

Os *Curuahés* parecem occupar uma posição singular. Mansos e medrosos (ao menos os que encontrámos) vivem n'uma especie de patriarchado sob a regencia do Chipaya Manoelsinho. Habitam uma maloca grande n'um igarapé affluente do Curuá, poucos dias acima da d'este indio. Tambem em baixo da maloca de Manoelsinho existe á esquerda um igarapé chamado dos Curuahés, porém não mais habitado por elles. Em quanto os trajes, armas, ornamentos d'esta tribu não se distinguem dos dos Chipayas, a sua lingua é completamente differente, mostrando como escreve o Dr. Koch mais affinidades com a lingua mundurucu. Isto parece confirmar a tradição que existe no Jamauchim. Ha n'este rio malocas desertas que segundo dizem estavam habitadas nos tempos antigos pelos Curuahés. São tambem principalmente estes indios que até hoje fazem ás vezes excursões ao alto Jamauchim. Do outro lado pode-se vêr das noticias do principe Adalberto e de Coudreau que já muitos annos antes, os Curuahés eram uma tribu bem conhecida no Xingú. Parece-me provavel que os Curuahés que encontrei sejam com effeito restos ou descendentes dos indios do Jamauchim, que á chegada dos civilizados emigraram para o nascente onde já encontraram patricios. É bem possivel que se achem ainda outros Curuahés na vasta região desconhecida entre o Xingú e o Tapajoz. A pequena colonia sob a protecção de Manoelsinho está perdendo pouco a pouco os costumes e antes de tudo a lingua originaes. Já todos os Curuahés d'esta região sabem fallar a lingua chipaya, mas Manoelsinho me disse com orgulho que «o chipaya nem falla nem comprehende o curuahé».

Quanto ao exterior, os Chipaya assim como os Curua-

hês são gente de estatura media ou pequena, musculosos e bem feitos, com as mãos e os pés finos, o ventre um pouco proeminente mas não adiposo. A sua côr é um pardo bronzeado, tirando pouco ao vermelho. Entre os Curuahês, especialmente entre os homens d'esta tribu, observei em alguns casos um typo mais alto com cabellos anellados e com o nariz mais forte e mais curvado, emquanto o typo geral dos Chipayas e da maior parte dos Curuahês lembra um tanto o japonéz. Esta semelhança salienta-se mais em pessoas que usam o cabello curto.

Fóra os poucos homens que tinham adoptado o traje europeu, os indios eram nús, mas ás vezes tão cobertos de ornamentos que quasi pareciam vestidos. O traje costumeiro é quasi identico ao dos Jurunas descripto pelo principe Adalberto, von den Steinen, etc. Consiste nos homens d'um cinto largo de pequenas perolas azues cerrando estreitamente o ventre e a parte superior dos quadris. Em vez d'isto as mulheres tem em torno dos quadris um panno grosso, geralmente de côr parda, que está fechado do lado, ficando porem aberto em baixo e chegando até aos joelhos. Fitas estreitas de panno tingidas de côr encarnada cingem em ambos os sexos as juntas das pernas e os braços. Ás vezes tambem acham-se n'estes logares ornamentos de perolas azues e brancas. Os pescoços são envoltos em numerosos cordões de perolas da mesma qualidade, formando muitas vezes collares da grossura de um braço. A riqueza do portador parece em proporção com a massa de perolas das quaes está coberto. O peito ás vezes quasi desaparece sob a quantidade de correntes de perolas, de fructos do matto ou de dentes de macacos e de fêras. As creanças andam ornadas de perolas somente nos braços e no pescoço. Todos, homens, mulheres e creanças tem cabellos compridos, alcançando porem raramente mais que á metade do dorso. No meio da fronte os cabellos estão cortados n'um espaço de alguns centimetros de diametro, e esta marca destaca-se tanto mais quando é coberta de uma massa encarnada, um pouco lanosa, que me foi designada como proveniente da «banana brava» (*Ravenala guyanensis*). Ornamentos de penna vi poucos. Um chipaya de importancia manifesta (chamado por causa d'isto «coro-

nel» pelos tripulantes) cobria-se ás vezes de uma corôa de pennas de arara amarellas, collocada de maneira que formava uma especie de aba ao redor da cabeça, e um moço da mesma tribu apresentou-se com uma penna comprida de cauda de arara pendurada na orelha. Alguns dos Curuahés, que em geral são mais «pobres» como dizia Manoelsinho, tinham uma ornamentação muito mais escassa. Faltavam-lhes ás vezes até os cintos de perolas no meio do corpo. Homens e mulheres, mas principalmente os primeiros, estavam pintados de azul escuro em varias partes do rosto, dos braços e ás vezes das pernas. Os desenhos eram geralmente simples, consistindo de bandas transversaes nos braços e nas pernas, ou os labios estavam cercados de uma larga facha escura. O «coronel» tinha a fronte em cima das sobrancelhas e as faces cobertas de arabescos finos, só visiveis de perto. Estas pinturas desaparecem em alguns dias, como podia observar nos meus companheiros durante a travessia.

As armas consistem principalmente d'um arco comprido, mais alto do que o portador, e de flechas de diversas qualidades; havia d'estas para matar peixes, outras para passaros, macacos, etc. As primeiras são compostas de dois pedaços, uma haste de canna e uma ponta de madeira dura de côr preta. A ultima foi unida á primeira a maneira de arpão. Entrada no peixe ella se desata da haste á qual porém fica ligada por uma corda. A haste, boiando, permite achar o animal flechado. As flechas para caçar no matto consistem d'um pedaço de canna com a ponta solidamente fixada de madeira branca ou de osso, sendo em sua parte basal munidas de pennas geralmente do mutum (*Crax fasciolata*). Um dia Manoelsinho mostrou-me com ar mysterioso uma flecha maior que as outras, com uma ponta muito forte em forma de gancho e em baixo com rectrices do gavião real (*Harpyia destructor*), explicando ao mesmo tempo que esta flecha servia para matar gente. De instrumentos peculiares a estes indios vi alguns fusos primitivos, com os quaes as mulheres fiavam algodão. Conheciam e usavam facas, machados, terçados de ferro, mas nem todos possuíam estes objectos. Não sei se parte d'estas tribus ainda usa de facas, etc., de pedra ou de conchas, mas pa-

rece-me bem provavel que seja isto o caso nas regiões distantes da civilisação.

Já mencionei o facto que os Chipayas e Curuahés são reputados no Iriri-Curuá como fabricantes de ubás e de caxiris (especie menor de ubá). Elles tambem são excellentes barqueiros e pilotos, que sabem dirigir as suas embarcações fracas no meio das cachoeiras mais impetuosas com uma destreza e um sangue frio admiraveis.

Antecipadas estas observações geraes sobre os indios do Iriri-Curuá, volto á relação da nossa viagem, na qual porem estes indios vão sempre occupar o primeiro lugar, pois foi entre elles que passei as semanas seguintes.

Á Bocca do Curuá ouvimos que os indios já estavam ali havia mais de uma semana, esperando pela chegada do coronel. O seu acampamento achou-se n'uma praia no meio do Iriri em frente da casa. Tinham feito uma barraca primitiva de folhas de palmeiras e passavam o tempo pescando, caçando e comendo, como pudemos bem observar da margem alta do rio. Alguns d'elles estavam na beira quando descemos da canoa. Um chipaya magnifico, cujo adorno rico de perolas indicava o homem de importancia, saudou o coronel com um aperto de mão silencioso, sem tomar noticia de qualquer outra pessoa presente. Seguiunos até a casa e ficou perto, olhando sempre mas sem fallar ou mostrar uma curiosidade demasiada. Pouco depois appareceram os dois indios que tinham acompanhado o coronel em qualidade de caçadores e pescadores e então tivemos o espectáculo interessante da saudação cerimoniosa que se trocou entre elles e o seu patricio selvagem. O primeiro que veiu foi Ain, um moço chipaya bem parecido, d'um typo quasi europeu, alçado ainda pelas roupas de seringueiro e pelos cabellos curtos, mas indio verdadeiro pelas maneiras silenciosas e formaes. Elle passou perto do chipaya do matto aparentemente sem vel-o e ficou em pé alguns passos em frente d'elle, mas sem voltar-se, mostrando-lhe as costas. Trocou-se uma conversação entre os dois, sendo o bugre (é este o nome que os seringueiros dão aos indios selvagens) o primeiro a fallar, pronunciando em voz indifferente uma successão de phrases breves, apparentemente perguntas e informações, á cada uma das quaes

Ain respondeu com uns monosyllabios: *ne-ne*, *a*, etc. Tendo isto continuado durante algum tempo, Ain fallava e o selvagem dava respostas monosyllabicas. Durante todo o tempo os dois não mudaram de posição. Ain ficou sempre com as costas voltadas ao outro, e os dois olhavam o horizonte com um ar preocupado. Não obstante esta indifferença apparente o tudo me fez uma impressão de cortezia e formalidade completas, muito surprehendentes em selvagens que costumamos considerar como pouco mais adeantados que os animaes. Pouco depois chegou o velho Paidé, um Juruna sympathico, muito amigo do coronel. Elle assentou-se perto de nós; o bugre virou-se logo de maneira a mostrar-lhe as costas e agora repetiu-se a mesma cerimonia, sómente com a differença do Juruna ser d'esta vez o primeiro a fallar em sua qualidade de mais velho e por conseguinte mais importante. Estas formalidades de saudação nem sempre são tão rigorosamente observadas, mas parece sempre haver troca de certas cortezias até em occasião dos negocios mais insignificantes entre os indios. João e Topá, os meus companheiros futuros, nunca deixáram de acompanhar dos seus *ne-ne* e *a-a* deferentes cada phrase das narrações interminaveis e um tanto tediosas com as quaes o velho Maitumá costumava regalar-nos no acampamento, mostrando este ultimo tambem sempre a sua bôa educação nas relações com pessoas mais moças.

Manoelsinho estava ausente no momento da nossa chegada, mas apresentou-se no dia seguinte acompanhado da sua familia inteira e de numerosos «afilhados» pertencentes estes ultimos todos á tribu Curuahé. A sua mulher, uma Juruna bella de aspecto altivo, e os seus filhos ainda estavam vestidos (mais exacto não vestidos) á moda primitiva, em quanto elle mesmo trajava calça e camisa e até um chapéu de feltro preto, do qual parecia não pouco desvanecer-se. Tendo sabido do meu desejo de fazer a travessia até ao Jamauchim, recusou-se no principio de ajudar-me, sustentando que a viagem seria penosa demais e muito mais longa do que eu pensava. Enganada por informações mal entendidas que tinha recebido no Jamauchim, entrei n'uma discussão, durante a qual elle desenhou na areia um esboço da situação relativa dos rios Curuá,

Jamauchim, Arury, Tocantins (affluentes do Jamauchim) e Tapajoz muito mais exacto do que qualquer dos que se acham nos nossos mappas.

Tendo demorado á Bocca do Curuá 4 dias, continuámos a viagem na manhã do 9 de Agosto. O Rio Curuá no qual entrámos agora, embora muito mais estreito do que o Iriri, tem ainda uma largura consideravel, cuja media julgo não ser inferior a 100 m., alargando-se porém em muitos logares, especialmente nas numerosas cachoeiras que enchem o seu curso. D'estas ultimas contei 23 até á maloca do Manoelsinho. Sem serem tão fortes como as do Iriri, ellas ainda davam muito trabalho aos marinheiros, sendo alem das pancadas propriamente ditas muito baixas ao ponto de mal deixarem passar a nossa igarité. O Curuá é um rio silvestre, cercado de mattas enormes, cheias de preciosas arvores de seringueira e mais no interior tambem de caucho. N'este tempo estavam descobertas muitas praias tanto á margem como em forma de ilhas que nos forneceram abundante quantidade de ovos de tracajá. Ás vezes tambem encontravamos n'estas praias o rasto ainda fresco da onça pintada, que parece ser bastante frequente n'esta região. O gerente da succursal na Bocca do Curuá presenteou-me com 7 pares de presas d'esta féra, provenientes de animaes mortos por elle nas praias durante os ultimos dois annos.

Á margem esquerda o Curuá recebe até á maloca de Manoelsinho alguns affluentes, o mais consideravel dos quaes é o Riosinho, navegavel durante alguns dias, rico de seringas e habitado desde tres a quatro annos pelo pessoal da casa Porphirio. Outro affluente da margem esquerda é chamado Igarapé dos Limões, nome devido á grande quantidade de limoeiros que os primeiros exploradores já encontráram na sua parte inferior, unico signal restante de uma colonisação antiga (talvez da missão jesuita que florescia no rio Xingú em seculos passados?)

O clima do Curuá tem entre os moradores a reputação de ser muito frio. Achei com effeito as temperaturas especialmente das noites excessivamente baixas para esta latitude. O thermometro minimal desceu uma vez na maloca de Manoelsinho até 16,3° C.

Durante a viagem a nossa igarité estava quasi sempre rodeada pelas ubás dos indios. Acompanharam-nos não só Manoelsinho com o seu sequito, mas também outros chipayas independentes e os dois indios mansos, Ain e Paidé, que já no Iriri tinham sido os nossos companheiros. Todos vieram com as suas familias e as ubás ligeiras, conduzidas com tanta destreza pela gente vermelha no seu traje pittoresco offereciam um aspecto attrahente. O chefe da familia ficando em pé na proa da ubá, impellia-a para deante com uma comprida vara flexivel, em quanto a mulher, muitas vezes com o filhinho menor amarrado ao peito, pilotava na pôpa. Outros meninos mostravam as cabecinhas pretas e os olhos brilhantes em baixo da pequena tolda de folhas de palmeira sob a qual também se achava a bagagem. O retrato não seria completo sem mencionar o cão, companheiro fiel e quasi inseparavel do indio, que se deitava ao pé do seu senhor na ponta extrema da canôa. Muitos d'estes indios tinham consigo um verdadeiro jardim zoologico. Macacos pregos ou coatás occupavam a extremidade da pôpa, e dos lados da tolda sobresahiam varas de páo com araras, papagaios e periquitos de diversas qualidades.

Nas cachoeiras os indios esperavam geralmente para ajudar-nos a passar a canôa. Pareciam quasi amphibios n'estas occasiões, nadando e mergulhando com uma agili-dade e uma perseverança admiraveis. Na agua costumavam atar os cabellos no alto da cabeça, o que lhes dava aspecto um tanto feminil, em forte contraste com o seu trabalho duro e perigoso. Um d'elles era o possuidor feliz e muito invejado de um velho chapéu preto. Nem mesmo nas aguas das cachoeiras elle queria separar-se d'este ornamento precioso, e durante tres dias nunca pôde cançar-me de admirar-o e alegrar-me com a vista d'este selvagem nu com o pittoresco cinto azul e o chapéu rasgado no bello. A gente costuma-se a tudo; poucos dias depois, quando mais alguns indios tinham adquirido este adorno graças á largueza do coronel Ernesto, o aspecto d'uma pessoa nua até o chapéu na cabeça nu parecia o mais natural do mundo.

Durante a noite os indios costumavam acampar a

pouca distancia de nós mas sempre separados e sem misturar-se com os grupos dos tripulantes. Enquanto os ultimos depois das fadigas e do calor do dia entregavam-se ao descanso com uma vivacidade ruidosa, os indios ficavam socegados mesmo em occasiões da maior alegria. As mulheres cosinhavam ou, moqueavam «peixes», preparavam bananas fritas ou mingau, os homens sentavam-se ao redor do fogo, comendo silenciosamente ou conversando da maneira ceremoniosa já descripta. Mesmo quando estavam excitados pela cachaça, bebida adorada por elles e que ás vezes se lhes dava como recompensa do trabalho de um dia de cachoeiras, conservavam-se perfeitamente trataveis, fallando um pouco mais alto que de costume e rindo muito, mas sem nunca brigar entre elles ou com a nossa tripulação. Manoelsinho geralmente presentava-se logo perto da nossa mesa, conversando com o coronel e comigo.

N'este tempo o chefe indio perdeu pouco a pouco a sua desconfiança anterior. Elle deu-me informações sobre os indios chipayas e curuahés e sobre o curso alto do rio Curuá. Parece que este é navegavel ainda por um espaço consideravel acima da maloca, e bastante povoado de chipayas. Depois de mais de uma semana de viagem fica mais estreito, correndo entre paredes altas de pedra e formando um salto grande. A respeito d'este ultimo parece existir uma lenda dos indios. Manoelsinho contou d'um «homem que fuma» no meio do salto, mas quando o coronel Ernesto queria explicações mais exactas sobre este phenomeno, tornou-se embaraçado, dizendo que não o tinha visto com os proprios olhos, mas que só tinha ouvido contar.

Eu tambem aproveitei d'estas horas para colher de Manoelsinho e d'um seu companheiro curuahé quantas palavras das respectivas linguas era possivel apanhar. Já antes tinha eu preparado uma lista das palavras que eu queria saber e escrevi logo os termos indios; o coronel Ernesto me ajudava com a sua amabilidade costumeira sempre que o meu portuguez não era sufficiente. Manoelsinho me dizia as palavras em chipaya e as transmittia ao seu creado, que não comprehendia o portuguez. No principio de cada lição lia eu em voz alta as palavras escriptas na vespera

para deixar os meus professores corrigir a pronuncia e o accento. Quando o fiz pela primeira vez, Manoelsinho ficou n'uma surpresa extraordinaria; mas logo elle comprehendeu até um certo grau as relações entre a minha facilidade a reter a lingua chipaya e os extranhos signaes no meu livro. Desde então elle se sentava atraz de mim para melhor observar o que eu fazia. Emquanto que eu escrevi as palavras as pronunciava e elle m'as corrigia, olhando sempre as lettras como se soubesse ler e dizendo no fim d'um ar satisfeito: assim está direito.

Tambem no Curuá os indios se têm retirado deante da civilisação. Escondidas na matta ainda existem roças antigas d'elles, onde Manoelsinho e os seus patricios iam em segredo colher bananas e outras fructas. No dia 13 de Agosto passámos a ultima barraca de seringueiro e entrámos na região deshabitada que separa o territorio do senador Porphirio das terras dos indios. Na tarde do 15 chegámos á maloca de Manoelsinho, tendo passado algumas horas antes o Morro pellado, a mais alta elevação nas margens do baixo Curuá. Erguendo-se abruptamente a uma altura de mais ou menos 150^m sobre o rio, deve elle o seu nome á ausencia de matta em parte do seu cume, que aliás talvez seja de origem artificial. O dia em que passámos por este lugar, Manoelsinho, que ia na frente, tinha incendiado as capoeiras do morro, e as chammas já tinham alcançado a parte coberta de matta, que d'esta maneira tambem em pouco tempo ficára «pellada».

A maloca de Manoelsinho foi construida n'uma parte alta da margem esquerda do rio, sendo cercada pela matta virgem até poucos metros de distancia. Ella consiste sómente de um alto tecto de folhas de palmeira, que repousa sobre numerosos esteios sem paredes exteriores. A maloca cobre uma superficie consideravel que julgo de mais ou menos 20^m de comprimento a 8 de largura (eram propriamente dois edificios contiguos).

No interior tinha alguns andaimes de differente altura, onde Manoelsinho guardava as provisões de farinha, bananas, etc., as armas e utensilios e os bahús nos quaes conservava os seus thesoiros de origem civilizada, vestidos, roupa, etc. O ornamento da casa do que elle se orgulhava

mais, era uma estampa de reclame da conhecida casa Bretel frères. Perto da casa principal havia duas barracas menores da mesma construção primitiva. Do outro lado do rio existia uma roça, não visível da água, cujos productos principaes eram mandioca, bananas e milho. Os indios comem as bananas maduras em forma de mingau ou verdes e fritas; achei a estas ultimas um gosto de pão. Eram bananas, alem de peixe, a sua comida principal n'este tempo, a mandioca ainda não estando madura.

Logo depois da nossa chegada o coronel Ernesto aprontou-se para subir o rio até o igarapé habitado pelos Curuahés, onde queria trocar ubás e caxiris e arranjar os guias necessarios para a minha travessia. Infelizmente não poudes acompanhá-lo, devido a um accesso de malária. O estabelecimento em questão encontra-se depois de quatro dias de viagem, consiste, pelo que me disse o coronel, d'uma só maloca grande, habitada por algumas familias. Manoelsinho e a sua familia, assim como a maior parte dos indios acompanhavam o coronel e eu fiquei na maloca com alguns Curuahés menores e parte dos nossos tripulantes. A febre passou em poucos dias e gostei muito da vida solitaria, estudando pela manhã as florestas tão bellas e interessantes e a sua fauna e observando á tarde os indios, enquanto trabalhava na conservação da minha caça. Não ficavamos muito sós. Sempre chegavam ubás com indios atrazados no caminho ou passeando no rio, que no verão abunda em peixes e ovos de tracajá. Um dia, á minha volta da matta, achei a maloca cheia de indios que já tinha visto a Bocca do Curuá, e que tinham sido retidos no rio por causa de doença de dois d'elles, uma mulher e um menino. Ficaram alguns dias para tratar os doentes. Entre elles achou-se um velho, que já tinha notado á Bocca do Curuá por causa do seu exterior ridiculo em calça e paletó demasiadamente amplos para a sua estatura pequena e em apparencia nunca lavados. N'esta occasião o homensinho ficou sendo a pessoa mais interessante de todas, revelando-se como pagé poderoso e muito estimado não só dos indios. A minha attenção foi chamada primeiro a elle por um ruido extranho, que vinha de uma das redes de doentes. Foi uma successão de uivos surdos, um *hu-hú-hu*,

hú-hu continuo e cadenciado, lembrando mais os gritos de certos passaros que a voz humana. Approximei-me e vi o pagé trabalhando a expulsar a doença. Estava inclinado sobre a rede, onde era deitado o doente, soprando n'elle, nos poucos intervallos entre os uivos. Passava elle uma mão sobre a parte dolorida, na outra tinha um feixinho branco de palha ou cavacos (não podia ver distinctamente) e dava-se a apparencia como se forçasse alguma coisa a entrar n'este objecto. Tendo continuado ao menos de quinze minutos este processo, afastou-se correndo até alguma distancia da maloca onde botou fóra o feixinho, agora portador da doença. Esta cerimonia repetiu-se algumas vezes durante o dia. O pagé logo tinha mais clientes. Uma india, soffrendo havia mais de uma semana d'uma especie de inflammção pulmonar confiou-se a seus cuidados, e mesmo um dos tripulantes, que se queixava de dôres no figado, declarou, apezar das pilherias dos seus camaradas, que tinha « muita crença n'estas coisas » e deixou-se tratar pelo pagé. Este não poupou esforços. Ouvia-se o seu *hu-hú-hu*, *hú-hu* quasi o dia inteiro, tanto d'uma rede, como da outra; a sua voz ficou cada vez mais rouca, assemelhando-se no fim tanto á dos gallinaceos, que os mutuns domesticados e as gallinhas de Manoelsinho já respondiam a ella. Tambem foi recompensado pelo restabelecimento de todos os quatro, facto que muito augmentou a sua reputação.

No fim de oito dias o coronel voltou da sua excursão, em companhia de maior numero de Chipayas e Curuahés de maneira que na maloca não tinha logar para todos e que se encontravam acampamentos em quasi todas as praias dos arredores. Á noite todos costumavam reunir-se perto da maloca; grande foi sempre a alegria e a amizade com os tripulantes, embora ninguem se entendesse com os outros por palavras. Assim poudes gosar n'uma das ultimas noites d'um espectaculo interessantissimo. Animados pelo exemplo de alguns cearenses, que executavam uma dansa nacional, os indios se dispuzeram a dançar. Em suas primeiras producções ficaram elles quasi invisiveis, devido á poeira immensa que se levantava do chão secco, mas alguns correram para buscar agua do rio para apagal-a o mais possivel. Uma vez começado o baile os

índios mostraram-se incançáveis. Uma dança seguia outra com intervallos de poucos minutos para dar tempo aos executantes completamente exhaustos de tomar folego. Vi ao menos doze pantomimas diferentes. Todas estas tinham o nome de um bicho: anta, guariba, arará, cobra, etc., e consistiam de uma exhibição mais ou menos exacta dos gestos d'estes animaes, emquanto os estribilhos dos cantos imitavam com uma precisão muitas vezes surpreendente a sua voz. Embora um tanto monotonas no character geral, as danças eram bastante variadas nos detalhes. Os passos usados consistiam de um avançar e regressar cadenciado, durante o qual um dos pés batia com força o compasso, ou de uma especie de saltinhar com os pés um pouco separados. Às vezes os índios dançavam em filas uma andando atraz da outra na mesma direcção ou vindo ao seu encontro, às vezes em pares, avançando e regressando com as mãos juntas ou apoiadas no hombro do companheiro, às vezes sós, executando com folhas de palmeira um combate fingido (esta ultima pantomima se chamava «guariba»). Na «cobra» todos dançavam um atraz do outro e com as mãos apoiadas nos hombros do predecessor saltinhando n'uma posição muito incommoda, dobrados até quasi o chão. Algumas das mulheres tambem tomaram parte n'estas pantomimas, mas dançando sempre separadas dos homens, formando uma fila especial atraz d'estes. Os cantos de acompanhamento assignalavam-se pelo seu rhythmo compassado de accordo com a cadencia dos passos. Devido a este facto elles, sem serem melodiosos produziam uma impressão não desagradavel á orelha. Naturalmente não poudes comprehender as palavras, que formavam phrases curtas sempre repetidas, e ainda menos retel-as na memoria. Alguns dos tripulantes, ambiciosos, desejavam tomar parte n'estas brincadeiras dos índios, mas deve-se dizer que nem na ligeireza e elasticidade nem na perseverança podiam ser comparados a estes. Atrapalhados pelas vestes e inferiores em agilidade elles formavam um contraste muito ridiculo com as formas ao mesmo tempo athleticas e graciosas da gente vermelha.

O 28 de Agosto foi o dia marcado para a minha partida da maloca, em procura do Jamauchim. O principio da

picada que os índios queriam seguir durante os primeiros dias, acha-se pouco acima da maloca de Manoelsinho. Quando cheguei lá na manhã, achei além dos quatro guias arranjados por Manoelsinho, três voluntários para acompanhar-me. A nossa companhia de viagem consistia assim de oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres. Eramos, a bem de minha pessoa, o velho Maitumá com as suas duas mulheres, Comaicarú e Umarú, João (o único que sabia algumas palavras portuguezas) com a sua mulher Parimarú, Topá e um outro Curuahé, cujo nome não cheguei a saber. Maitumá, vigoroso ainda apesar da idade adiantada, supportou as fadigas não pequenas da viagem, com paciência e perseverança. Das suas companheiras — sem ter certeza, julgo que ambas eram suas mulheres — Comaicarú, que occupava o lugar principal, era ainda, embora já fosse mãe de um filho adulto, muito vistosa e até bonita, com feições finas e juvenis e mostrava-se digna e affável ao mesmo tempo. A outra, mais joven mas menos bonita vivia com ella na maior amizade.

João, de estatura baixa e relativamente reforçada, cabellos lisos e o typo um tanto japonês, era um rapaz intelligente e zeloso. Parecia ser um protegido especial de Manoelsinho, em cuja casa tinha adquirido os seus conhecimentos de portuguez, que aliás se limitavam a poucas palavras e algumas phrases curtas: *tu queres comer? tu queres agua? quer rêde?* etc. Por causa d'isto Manoelsinho confiou-lhe certos serviços de criado de que eu precisava e elle cumpria-os fielmente, amarrando a minha rêde, offerecendo-me a comida e tratando-me em tudo com a maior consideração, até offerecer-me um dia o seu cigarro com as palavras: *tu querès comer tabacò?* Era desde pouco tempo casado com Parimarú e estava ainda bastante enamorado, ao ponto de trocar ás vezes a sua carga mais leve com o pesado paneiro que a sua companheira levava nas costas.

Topá, um moço alto e bonito, tinha a reputação de ser pagé, mas eu nunca o vi occupado no tratamento das molestias mais ou menos graves, das quaes quasi todos nós soffremos em caminho. O ultimo dos meus companheiros dava na vista pelo seu typo exaggerado de judeu,

com nariz grosso e adunco e os cabellos fortemente anne-
lados. Era apparentemente um pouco louco, mas perfeita-
mente inoffensivo e mesmo nos prestou em algumas occa-
sões bons serviços como guia. Tinha um talento especial
para achar as partes menos cerradas da matta e para des-
cobrir arvores com mel de abelhas. Todos estes indios
eram Curuahés.

Além de guias os indios tambem deviam servir de car-
regadores; mas vi logo, que este serviço ficava principal-
mente para as mulheres. Á entrada do caminho o coronel
Ernesto e os tripulantes, que me tinham acompanhado até
ahi, carregáram os indios pelo systema geralmente usado
no Brazil. Mas depois 10 minutos apenas de viagem, to-
dos jogáram as cargas no chão, deixando-me muito sur-
presa e mesmo receiosa que já estivessem arrependidos da
empresa. Mas não foi assim, só queriam distribuir e ar-
ranjar a bagagem segundo a sua maneira, que a dizer a ver-
dade, me parecia muito pratica, embora um tanto injusta.
Cortaram folhas de assahy do matto, e com ellas fabricá-
ram em pouco tempo paneiros compridos, abertos em cima
e atraz, nos quaes amarráram com cipós as suas redes e
utensilios e os meus saccos e provisões. Suspenderam es-
tes paneiros nas costas por meio de uma larga fita de en-
treasca de arvores, passada sobre a testa do portador.
Só Topá encarregou-se do meu sacco de viagem (Rucksack)
em forma de mochila, recusando de carregar outros obje-
ctos além d'este ultimo e do seu arco e flechas. João es-
colheu o meu sacco de roupa, pouco pesado, o louco to-
mou um pequeno sacco com cartuchos e instrumentos e o
velho Maitumá levou o nosso rifle, do qual não se sepa-
rou mais, apesar de não saber atirar. Eu levei a espin-
garda, o diario, a taboa com o mappa, etc. O resto da
bagagem ficou para as mulheres. Enquanto Comaicarú se
encarregava da sacca de farinha, que apesar de ser agora a
carga mais pesada, ao menos tinha a vantagem de ficar
mais leve de dia a dia, as duas outras tinham a levar a ba-
gagem inteira dos indios e a sua, todas as redes pesadas,
as panellas, os pratos, instrumentos, etc. Ficando as car-
gas arranjadas d'esta maneira, que pareceu satisfazer a to-
dos, mettemo-nos novamente em marcha e penetrámos na

enorme matta virgem, que nos devia servir de domicilio durante mais de uma semana.

Durante os dois primeiros dias seguimos uma especie de picada, que facilitava muito a passagem. Atravessámos alguns morros, um dos quaes de talvez 200^m de altura (sobre o Curuá) e bastante escarpado. A partir do terceiro dia viajámos sem vestigio visivel de caminho, dirigindo-se os indios apparentemente pelo sol e acompanhando na ultima parte d'esta viagem por terra um igarapé. Achamos n'este dia (30 de Agosto) n'uma serra, da qual os morros atravessados até agora pareciam ser partes desjunctas. Ao meio-dia, depois de uma subida penosa e abrupta estavamos n'um pequeno planalto, cercado de todos os lados por montes e collinas. O chão em muitos logares deixava vêr a pedra nua, um granito liso, ás vezes tão inclinado que eu, atrapalhada pelas solas escorregadias dos meus sapatos, tinha de me servir das mãos para não cair. Os indios do seu lado tinham os pés quasi queimados pelo calor extraordinario accumulado n'estas pedras. Á nossa esquerda achava-se a elevação mais alta visivel d'aqui (e em todo o curso da minha viagem), um cume arredondado, despido de toda vegetação, formado apparentemente pelo mesmo granito em cima do qual estavamos. Avaliei em mais de 400^m a sua altura absoluta. Todas as outras collinas ao redor eram cobertas de matta continua, luxuriante nos valles e depressões, mais escassa e baixa nos altos. A vegetação mais interessante d'esta serra, onde a agua faltava totalmente na estação actual, eram algumas ilhas de matta alta perfectamente despida de folhas, apresentando um aspecto singular de inverno europeu no meio da paizagem tropical. Achavam-se estas ilhas á beira dos lagedos descriptos, em logares onde a camada de humus não era muito espessa. Descemos d'ali por um valle em direcção S. O. Do outro lado o terreno elevava-se de novo e ainda durante os dias seguintes atravessámos uma serie de morros, que diminuindo gradativamente de altura se estendiam até quasi ao Jamauchim.

Os indios raramente caminhavam mais de uma hora sem interrupção. Sempre havia um pretexto para demora: uma arvore com fructas ou com mel, um bando de maca-

cos ou de aves, um igarapé com peixes, etc. De fructas encontrámos principalmente uma, chamada *isari* pelos indios (especie de *Hymenaea*, Jutahy) e ás vezes castanha, que parece ser mais frequente do lado do Jamauchim que do Curuá. Tambem comemos palmito, que encontrámos nos assahysaes abundantes dos valles. O mel era uma comida predilecta dos indios. Elles não podiam passar perto de uma arvore onde tinham descoberto um ninho de abelhas, sem cortal-a, embora isto ás vezes nos causasse uma demora de muitas horas. Não quíz crêr aos meus olhos quando vi pela primeira vez os indios preparar-se a cortar com os seus instrumentos insufficientes (um machado e alguns terçados) uma arvore de mais de um metro de diametro. Com toda a sua preguiça usual mostravam n'estas occasiões uma grande perseverança, trabalhando sem interrupção durante quatro e cinco horas até cahir o tronco. O mel comestivel provinha de duas diversas qualidades de *Melipona*: uma menor amarella e inoffensiva, chamada «apá» pelos indios, que tinha os seus ninhos no ouco de troncos grossos. Era esta a mais frequente na terra firme; a outra, «ató» dos indios, era maior, cabelluda e quasi preta. Construia um ninho enorme de forma conica nas copas de arvores altas, especialmente mongubas. Achando-se estas arvores quasi sem folhas n'este tempo descobriam-se os ninhos a grande distancia. Cahido o ninho as abelhas precipitavam-se em massa sobre os seus aggressores, emquanto estes tiravam o mel, entrando nos cabellos, nos olhos, etc., e não os deixando emquanto os indios não se tinham atirado á agua mergulhando desesperadamente. O mel das duas especies tem um sabor excellente sendo doce e muito aromatico. Os indios bebiam-no puro e misturado com agua. Quando havia bastante, uma parte era conservada em ouriços de castanha, fechados com a cera dos ninhos, e servia para adoçar o mingau de raizes, que pouco depois formava a nossa comida quasi exclusiva.

A matta entre os dois rios abunda em macacos, que me deram occasião para observações biologicas interessantes. Encontrei aqui pela primeira vez algumas especies raras e quasi desconhecidas até agora aos zoologos, tal o cuxiú de nariz branco (*Pithecia albinasa*) e o coatá de

fronte branca (*Ateles marginatus*). O cuxiú, que na cativeiro e visto de perto tem uma semelhança tão patente com o homem pela expressão do rosto, os cabelos partidos e a barba comprida, na mata não oferece este aspecto. Vi-o aos caseiros passando pelos galhos inferiores das arvores, lembrando um pouco pelos movimentos e pela cabelleira espessa certos membros da familia ursina. Mostrava-se socegado e sem desconfiança, olhando-nos com curiosidade, sem occupar-se muito das flechas que debalde os indios lhe atiravam. Ao contrario os coatás, que encontravamos frequentemente em bandos de seis a dez individuos, excitavam-se muito ao nosso aspecto, fugindo ás vezes depressa ao estampido do rifle (com o qual, em parentese, os indios nunca acertavam o tiro) mas collocando-se geralmente nas arvores perto de nós com gritos rai-vosos, sacudindo com força os galhos ou suspendendo-se por meio das caudas com movimentos ameaçadores da cabeça e dos braços. Guaribas só encontrei mais tarde, nas margens do Jamauchim, onde ellas abundavam; durante a travessia vi ainda alguns bandos de macacos de prego (*Cebus spec. ex aff. fatuellus*) e de macacos de cheiro (*Saimiri sciureus*). Estas duas especies de macacos encontrei-as sempre em bandos numerosos. Os macacos de prego não demonstram medo apparentemente do homem, mas depois de olha-lo durante algum tempo, retiram-se sempre, perdendo-se de vista quasi imperceptivelmente mas fugindo com muito barulho atravez das copas, quando têm alcançado uma certa distancia do observador. Um dos macacos mais bonitos e menos desconfiados d'estas mattas é uma especie de uapussa (tambem chamada bocca d'agua, *Callicebus spec.*) de costas vermelhas e barriga ferruginea, que se encontra isolado ou em bandos pequenos de dois a tres individuos.

A nossa maneira de avançar, em fila, e sempre juntos, não deu muita occasião a observações de outros mammi-feros. Uma noite fui accordada pelos modos excitados dos indios. Os homens todos estavam ajoelhados n'um circulo, tendo acceso fogos de folhas seccas ao redor do acampamento, escutando e espiando na escuridão attenciosamente, e fallando entre elles em voz baixa, mas agitada.

Quando me approximei d'elles, João quiz explicar-me alguma coisa, mostrando-me com o dedo um certo ponto fóra da matta, onde, a dizer verdade, não vi nem ouvi nada. Finalmente, lembrando-me de uma palavra apprendida nas lições com Manoelsinho, perguntei «minem» (onça pintada)? Segundo me explicaram depois, foi com effeito uma d'estas feras que se tinha approximado de nós. Ao pedido dos indios dei alguns tiros na direcção que elles me indicaram, e pouco depois tudo ficou socegado, a onça tendo-se retirado amedrontada pelas chammas e pelos estampidos.

Quanto aos passaros havia quantidade de jacamins da especie escura (*Psophia obscura*) e de mutuns pinima (*Crax fasciolata*); as especies de passaros menores não poude estudar muito bem, por não achar prudente de afastar-me muito dos companheiros.

Apesar da profusão de caça comemos pouca carne. A minha espingardinha só dava para passaros pequenos e o rifle pesado dos indios, um presente do coronel Ernesto, era inutil, pois elles não sabiam manejar-o. Nos preparativos da viagem eu tinha contado demais com o arco e as flexas de Topá, o unico que tinha levado as suas armas nacionaes—, mas a destreza dos meus curuahés de servir-se d'estes instrumentos *na matta* ficou muito abaixo das minhas expectativas. O João matou um mutum, o Topá um jacamin e foi tudo. Já no terceiro dia tinham acabado com todas as flechas de caça terrestre. Nos dias terceiro e quarto o nosso regimen foi tirado da classe dos reptis. O louco achou alguns jabotys e Parimarú matou com o terçado um jacarêsinho. Desde então a classe dos peixes nos forneceu a comida animal. Os igarapés, muito seccos n'este tempo, formavam uma especie de poços, onde os indios pescavam com timbó. Espedaçavam um cipó de madeira vermelha e reuniam os pedaços n'um feixe; com este um d'elles entrou no poço, passeando n'elle durante 1—2 horas, dando alternativamente golpes com o terçado no feixe e lavando este na agua; que no fim ficou opaca de côr acinzentada. Os peixes ficaram ao principio inquietos, apparecendo na superficie cada vez mais frequentemente e finalmente vieram a boiar estonteados ou mortos. Os indios então colhiam-os, embrulhavam-os ás duzias em

folhas e assavam-os no fogo. Era, aliás, pouca coisa e só servia de tempero á farinha.

As nossas horas de refeições eram bastante irregulares; dependiam do que de comestível se encontrava pelo caminho. Às vezes, quando tinha sobrado um resto do jantar, almoçávamos já na manhã, antes de continuar viagem. O jantar tomava-se sempre ao chegar no lugar onde pretendíamos acampar, por conseguinte raramente depois das 4 horas, às vezes já a uma hora da tarde. Além d'isto pode-se dizer que comíamos tudo o que se encontrava no caminho, tanto fructas como mel, peixes, palmito de assahy, etc. A comida principal ficou sempre a farinha que levámos connosco e da qual os indios ingeriam quantidades enormes em fórmula de xibé ou de mingau. Enquanto estávamos na serra havia às vezes falta d'agua, e a escolha do lugar do acampamento dependia d'esta circumstancia. Ficávamos no ultimo igarapé que se podia alcançar durante o dia, ainda que fôsse pouco mais de meio dia. No acampamento os indios erigiam geralmente uma ou duas barraquinhas abertas, de troncos e folhas de assahy, para proteger a bagagem, enquanto as indias preparavam a comida. Comiam em cuias usando só das mãos como talheres, mas as refeições eram sempre servidas com um certo ceremonial. A cosinheira servia sempre em primeiro lugar o marido e em seguida os outros homens segundo a idade. As mulheres comiam por ultimo.

Aproveitei de todas as occasiões para completar o meu vocabulario curuahé, mas isto foi agora bem mais difficil que no tempo em que Manoelsinho servia de interprete. Como já disse, o portuguez de João era restricto a poucas palavras e bastava apenas para entender-se commigo sobre as coisas mais urgentes. Fallavamos nos primeiros dias por signaes, eu indicando o objecto cujo nome queria saber, e os indios dizendo o termo curuahé. Alguns d'elles gostavam muito d'estas lições, e chamavam a minha attenção para arvores, bichos e outras coisas que os interessavam, pronunciando o nome e indicando por signaes o seu desejo de ver-me escrever a palavra no meu livro. (Quasi todos elles confundiam continuamente o l com o r; o João nem podia mesmo pronunciar a ultima lettra, sempre fal-

lando de «falinha», de «selinga», etc.) Este processo bastava para os objectos que se podiam tomar na mão ou indicar pelo dedo, mas era pouco sufficiente para as demais coisas.

Tentei, com effeito, obter alguns verbos, imitando as acções de comer, beber, dormir, etc., o que divertia muito os indios; mas não sei qual é a fórmula grammatical das palavras obtidas d'este modo. Também encontrei muitas difficuldades para dar-lhes a entender que queria saber os nomes de vento, onda, tronco, folha e de outros correlativos e abstractos, e de alguns dos meus vocabulos não posso dizer com certeza qual é a sua significação exacta.

Sobre a duração da travessia tinha recebido informações bem differentes. No rio Jamauchim os moradores do curso superior tinham-me fallado de mais ou menos 5 dias de distancia de um rio ao outro. Manoelsinho na nossa primeira entrevista fallou de dez dias (o que verificou-se ser quasi exacto), mas depois apaixonando-se com a idéa da travessia tão desejada por mim, fez a distancia cada vez mais curta, de maneira que nos ultimos dias antes da nossa viagem declarou, que os curuahés me conduziriam ao Jamauchim no maximo em 3 dias. Depois de minhas experiencias acredito hoje, que uma travessia em tres dias é, com effeito, possivel (não provavel) para gente sem ou quasi sem bagagem, munida de boas armas e de bons caçadores, mas não para uma expedição como a minha, sobrearregada de muitas coisas superfluas, e composta pela maior parte de pessoas sem idéa nenhuma de espaço e de tempo, com as quaes o chefe não podia mesmo entender-se sobre a direcção a seguir e o modo de proceder. Embora reconhecendo isto, eu não me preocupei de coisa alguma nos primeiros dias, e até gostei da idéa de achar-me durante mais tempo n'uma situação tão interessante no meio d'esta gente selvagem, mas essencialmente boa e sympathica. Só no ultimo dia, quando percebi que pelo descuido dos indios a nossa provisão de farinha diminuia rapidamente, comecei a inquietar-me, tanto mais que ao mesmo tempo já me tinha apparecido outro accesso de sezões. Também desde alguns dias os indios não pareciam mais de accordo sobre a direcção a seguir. Uns queriam ir ao

N. O., outros ao S. O., mas no fim encontrámos um igarapé maior, o que poz fim á discussão. Seguimos desde então mais ou menos o curso d'este igarapé, que ia principalmente ao N. O. e consistia de uma serie de poços cada vez mais importantes e fundos, cheios d'agua fria, na qual caminhavamos ás vezes até o peito. Continuamos assim durante os dias 3 e 4 de Setembro. O 5 era um domingo. Os indios tinham abandonado o igarapé e avançavam n'uma matta pouco expessa, limpa e baixa. Andavam depressa e sem descansar, muito alegres, enquanto eu, com um accesso de sezões no corpo seguia com difficuldade, absorta em reflexões um tanto melancolicas sobre esta travessia interminavel. Subitamente vi os indios pararem, fazendo-me signaes para vir depressa. Accorrendo achei-me n'uma rocha elevada e vi aos meus pés um rio de mais de 200 metros de largura que parecia enorme e resplendente de luz depois da penumbra das mattas ininterruptas em que tinhamos passado os nove ultimos dias; era o Jammauchim. Não senti mais nada de febre, alegre como os indios, desci com elles para a praia alva. Fizemos logo o acampamento n'um logar idoneo, pouco acima do nosso igarapé, cuja bocca se achava perto. N'este dia não se trabalhou mais. Foi uma festa da qual os indios aproveitaram para fazer toilette, tomando banho, nadando e mergulhando á vontade; pedindo-me emprestados os meus pentes, que sempre tinham excitado o seu interesse especial, para arranjar os cabellos compridos. Entregaram-se então á sua occupação predilecta: um sentado atraz do outro examinava com cuidado o cabello d'este e capturava certos insectos apteros, que habitam por centenas estas expessuras pretas. A presa era inspeccionada minuciosamente por ambos. O velho Maituma e o louco andavam ainda mais longe: abriam a bocca e saboreavam com evidente prazer estes insectos.

Pareceu-me agora que já não estivessemos longe do termo da viagem e aparentemente os indios eram da mesma opinião. Pelas informações que tinha tido julguei poder alcançar em poucos dias as primeiras barracas de seringueiros do sr. Xisto Corrêa, acima das cachoeiras grandes, e esta minha opinião foi confirmada por Maitumá, que á minha pergunta, traduzida por João, levantou tres dedos

para indicar o numero das jornadas ainda necessarias. Assim, pouco me incomodei ao ver os indios acabarem n'esta noite com o resto da farinha. O dia seguinte os homens foram á matta á procura de arvores para a fabricação de canôas de casca. Usam para este fim da casca de uma leguminosa alta, que separam do tronco n'uma unica peça e com o maximo cuidado para não quebral-a no processo de descascar. A casca depois é estendida no chão e queimada durante alguns minutos em dois logares perto das extremidades com achas de lenha em braza. Nas linhas queimadas dobra-se a casca e depois ligam-se as extremidades com cipós, ficando assim uma especie de caixa chata, rectangular, segura nos lados por varas, amarradas com cipós e no fundo por travessas. Póde-se imaginar que o movimento de taes embarcações massiças não é rapido, mas ao menos o perigo de sossobrar é minimo para ellas. Outra vantagem é que a sua fabricação custa pouco tempo. As nossas estavam promptas já na tarde do segundo dia e ás 4 horas do dia 7 de Setembro pudemos continuar a viagem. Foi tempo, pois já soffriamos fome. Farinha não havia mais, peixes não se encontravam no rio n'este lugar, nem caça no matto, de maneira que passámos o dia 6 sem comida nenhuma. Na tarde do dia seguinte Parimarú achou um ninho de ovos de tracajá e alguns bulbos subterraneos de uma marantacea, que os indios chamavam hothin-á e cujo sabor lembra um pouco a batata do reino. No acampamento d'esta noite o João matou tres peixes, curimatás (*Prochilodus spec.*) e se isto não chegou a faltar 8 pessoas, ao menos nos deu occasião de acostumar-nos ao modo de vida que tinhamos a seguir durante mais de duas semanas.

O Jamauchim, no lugar onde o alcançámos, tinha ainda uma largura de ao menos 200 metros e não mostrou signal nenhum que já nos achassemos perto das cabeceiras. A agua era muito baixa, como no Curuá e Iriri, e os indios eram ás vezes obrigados a puxar pela areia as canôas de casca, que tão pouca agua calavam. Não passou um dia sem cachoeiras, pequenas e inoffensivas, é verdade, mas sempre causando uma demora mais ou menos consideravel na nossa marcha já muito retardada pela fórma das canôas,

pela necessidade de procurar a comida mais necessaria e por alguns incidentes imprevistos. Viajavamos em duas canôas, uma occupada por Maitumá e as suas mulheres, a outra pelas pessoas restantes. A canôa de Maitumá mostrou-se já nos primeiros dias insufficiente, deixando entrar muita agua, e no dia 10 tornou-se necessario construir uma outra. Perdemos mais um dia, mas não pude deixar de admirar a habilidade do nosso velho, que acabou de fabricar n'este espaço, quasi sózinho, uma canôa sufficiente para elle e a sua familia. Já mencionei que agora ainda mais que na travessia, grande parte do nosso tempo era occupada pela procura da comida. Peixes bastantes para nós todos só encontravamos 5 vezes, sempre nas cachoeiras, onde abundavam ás vezes os bacús (Myletes) e os curimatás (Prochilodus). Tucunarés (Cichla) tambem se achavam por aqui e acolá, e no penultimo dia da viagem pudemos fazer uma colheita enorme de trahiras (Macrodon) grandes, o que pela unica vez nos permittiu arranjar uma provisão de peixe muqueado para o dia seguinte. A razão principal porque apesar da abundancia de peixes em algumas partes do rio geralmente carecíamos d'elles, foi que os indios possuíam só um arco e uma flecha, com que o João, embora habil caçador, não chegou a matar mais do que o rigorosamente necessario. Ainda se quebrou duas ou tres vezes a ponta da flecha e tinhamos de esperar até encontrar madeira propria para fazer outra. A nossa comida mais regular consistia de raizes, das quaes já mencionei uma, chamada hothin-á. As mulheres colhiam estas raizes, que são do tamanho mais ou menos de bagos de uva e de côr esbranquiçada, reunidas em cachos pequenos, nas margens do rio, em rochedos mal cobertos de um pouco de terra. Não consegui vêr as folhas da planta á qual pertencem. São comidas cruas ou fritas no fogo, mas geralmente em fôrma de mingau, para o qual as mulheres as machucam n'uma pedra com a superficie aspera, que lhes serve de ralador.

Havia uma outra raiz, que era mais rara, mas que preparada da mesma maneira como o hothin-á, fornecia um mingau saboroso, excellente, especialmente quando era misturado com mel. Chama-se hamai-pin e acha-se muitas ve-

zes nos mesmos logares com a precedente; é irregularmente bulbiforme, de casca preta e de polpa branca extremamente succulenta. Algumas vezes achámos ovos de tracajá nas praias, mas sempre poucos e em estado já muito adiantado de desenvolvimento, e uma vez fizemos uma colheita rica de castanhas. Ninhos de abelhas da especie chamada áto, eram frequentes em arvores altas (geralmente mongubas) das margens. Os meus companheiros raramente deixaram de cortar a arvore, qualquer que fôsse a sua grossura, o que causava demoras de muitas horas.

Apezar do nosso estado de indigencia os indios, mesmo quando já estavam visivelmente aborrecidos da viagem, geralmente não mostravam pressa nenhuma para adeantala. Achavam sempre tempo sufficiente para divertir-se com pequenos incidentes. Lembro-me de uma ocasião, em que elles tinham visto um ninho de moco-ro (assim elles chamavam o passarão) (*Tantalus loculator*) na copa de uma arvore alta; pararam logo para procurar o tronco da arvore e depois de quatro horas de trabalho o Topá, tendo conseguido trepar a esta com perigo de vida, puxou os dois filhos do ninho. Pensei que queriam comer os passaros; porém não, levaram-os nas canôas e depois de alguns dias botaram-nos na agua, aparentemente já cansados da brincadeira. N'estas occasiões e pela falta total de providencia o seu character me parecia ter alguma coisa de infantil.

O nosso acampamento n'este rio era sempre feito em ilhas uma precaução que os indios tomaram n'estas terras desconhecidas. Geralmente dormiamos na praia, no chão. O Jamauchim mostrou-se pouco hospitaleiro nos primeiros dias depois da nossa chegada. Choveu muito, especialmente durante a noite, e lembro-me de mais de uma que passámos sem dormir, encolhidos sob o tecto baixo e primitivo que os indios tinham feito com toda a pressa para proteger-nos e á nossa bagagem. Nas praias a bagagem foi enterrada na areia, e uma das mulheres de Maitumá costumava enterrar-se com ella até á cabeça, enquanto nós outros, ajoelhados em fila, seguravam nas cabeças uma faixa comprida de casca, que nos servia de tecto. Mas a noite na qual penso com o maior horror foi a que passámos n'um pedral desnudo, tão duro que tinha-me de voltar

de cinco em cinco minutos de um lado para o outro sem poder dormir. Também os índios não dormiram n'esta noite, ouvi-os voltarem-se a gemer quasi como eu mesmo e com grande satisfação minha evitaram desde então com muito cuidado de escolher um pedral para acampamento. Durante as noites elles soffriam muito de frio, mais intenso n'estes logares abertos que na matta. Os homens vestiam, para dormir, velhas calças e casacos que tinham recebido no rio Curuá, mas apesar d'este agasalho tinham um fogo perto de cada rede e durante as madrugadas as mulheres tinham de alimentar-o de tempo em tempo. Tinhaos phosphoros comnosco, mas além d'isto os índios levavam geralmente um tição em braza de um acampamento até o outro. Em caso de chuva isto provou muito bem, porque com o descuido dos índios os phosphoros ficavam geralmente molhados.

Depois de mais ou menos quatro dias de viagem nossa situação tornou-se um pouco desagradavel. Já durante a travessia tinha percebido que os índios que me acompanhavam não conheciam a região com a segurança desejavel. Estavam ás vezes em desaccordo sobre a direcção a seguir e mesmo uma vez eu tive de indicar com a bussola a entrada do valle que conduz do espigão da serra para baixo. Quanto ao Jamauchim parece que nenhum d'elles já o tinha descido e que elles, como eu, se enganavam completamente sobre a extensão do trecho a percorrer até ás cachoeiras grandes. Agora, como não apparecia vestigio nenhum de barracas ou de seringaes explorados, elles ficaram de dia em dia mais cansados. Conversavam muito entre elles e parecia-me que estavam com muita vontade de voltar ao outro rio. Mas n'este tempo deram-se alguns incidentes, que talvez foram decisivos para o exito da minha expedição. Já n'um dos primeiros dias depois da nossa chegada ao Jamauchim os índios, na bocca actualmente secca de um igarapé da margem direita, tinham achado um acampamento abandonado, muito primitivo, só consistindo de folhas de assahyseiro, deitadas no chão. Impressionaram-se muito com isto e chamaram-me para m'o mostrar. Pensei logo que só podia provir de alguns seringueiros fugidos poucas semanas antes, dos quaes já tinha ouvido fallar no

Curuá; mas não consegui explicar isto aos índios, e quando no decurso da nossa viagem augmentavam os vestígios de gente passada nos mesmos logares, elles ficavam com um medo extraordinario. Encontravam nas praias rastos de pés humanos, velhos acampamentos, phosphoros e lenha queimados, restos de jabotys e de ovos de tracajá. Os fugidos estavam apparentemente sem armas e instrumentos, vivendo á maneira de selvagens, quebrando os cascos com pedras, etc., e por isto os meus índios pensavam que havia aqui um bando viajante d'aquelles índios carajás, tão temidos no Xingú por causa da sua ferocidade. Os meus companheiros tão alegres e corajosos em geral, mostravam n'esta occasião um medo quasi incrível. Um dia, quando já estava feito o acampamento, elles descobriram rastos, que com effeito pareciam datar de pouco tempo; quasi que não se deram o tempo para tirar a bagagem, precipitando-se nas canôas e remando com uma pressa que nunca antes tinha visto n'elles. Fomos descendo o rio até depois das 9 horas da noite, apesar da escuridão e do perigo verdadeiro que formavam as numerosas pedras e baixios que obstruiam o rio. Felizmente uma cachoeira mais forte poz termo a esta fuga insensata.

Durante alguns dias tentei em vão socegar os índios. Rindo do seu medo, expliquei com as palavras mais simples e ao alcance do seu entendimento que os carajás eram «camaradas» (foi assim que João, o unico com quem podia fallar, designava os seringueiros do Jamauchim) que eu os conhecia e em caso de encontro lhes fallaria. Porém cada vez que elles tornavam a encontrar rastos de pé ou cascos de jaboty na praia, tudo isto era esquecido e os pobres índios tremiam de medo. No emtanto pouco a pouco elles ganharam a convicção que eu com effeito conhecia os tão temidos «carajás» e que me podia entender com elles. Pareciam julgar que eventualmente seriam mais seguros na minha companhia que sem mim. Mostrou-se isto por uma mudança nos modos com que desde então me trataram. Consideravam-me de novo como o seu chefe (emquanto durante os dias anteriores elles tinham-se descuidado de mim de maneira um tanto alarmante) e já não tinha de temer que me deixariam no meio do caminho para voltarem ao Curuá.

Com estes incidentes passou-se mais uma semana, sem que tivéssemos encontrado habitações humanas, nem de selvagens nem de seringueiros. As arvores de seringa não eram raras n'esta região, mas não trabalhadas, e só no dia 17 o João, que tinha explorado a matta enquanto nos demorávamos n'uma praia, veio correndo para mim, alegre e agitado, chamando «aqui camarada corta seringa» mostrando-me uma das tigellinhas, nas quaes costuma-se colher o liquido precioso. Pouco depois achámos um acampamento ainda recente, que mostrou signaes evidentes de civilisação, latas de conservas, armações para redes, e (o que mais alegrou os meus indios) um resto pequeno de farinha fresca e boa. No dia seguinte alcançámos o marco do limite dos seringaes do Sr. Manoel Xisto Corrêa. O acampamento encontrado tinha sido feito, como ouvi contar depois, só uma semana antes por um dos seus seringueiros em viagem de exploração de borracha. Foi este seringueiro que tinha deixado as tigellinhas.

A esperança de já nos acharmos perto da região habitada verificou-se ser enganadora; passaram os dias e o rio continuou deserto. Os indios estavam agora sempre alegres e satisfeitos, perguntando innumeras vezes «camarada tem farinha?», «camarada tem bananas?», etc., mas eu comecei a inquietar-me mais que nunca. Não deixei transparecer isto deante dos indios mas em segredo me vieram sérias dúvidas. Lembrei-me de repente que o Raymundão, o meu piloto no Jamauchim no anno passado, tinha dito que o barracão de seringueiros situado acima das cachoeiras, estava muito escondido e difficil de se achar. Julguei possivel e no quinto dia estava quasi convencida que já tínhamos passado o logar e que iamós agora entrar n'esta serie de cachoeiras fortissimas das quaes já tinha ouvido fallar tanto e que não poderíamos passar com as nossas canôas de casca frageis e já muito estragadas. Que fazer então? Voltar tão perto da meta me parecia inadmissivel; mas quem sabia se poderia induzir os indios a fazer outras canôas?

Cêdo, na manhã do dia 22, passámos uma parte muito larga do rio, onde desemboca á esquerda um affluente consideravel, da mesma largura como o proprio Jamauchim.

Alguns dias antes tínhamos visto á direita a bocca de um igarapé grande, do qual ouvi depois ser chamado Riosinho pelos seringueiros. Dizem que por este affluente tambem se póde passar da bacia do Jamauchim á do Curuá. Talvez estes igarapés que os indios costumam seguir *na ultima parte* das suas travessias, e as canôas deixadas por elles no Jamauchim tenham dado origem ao boato ouvido por Coudreau de uma communicação por agua entre o alto Curuá e o alto Jamauchim. *Uma tal communicação não existe*, ao menos não na parte dos rios conhecida até agora. Todos, os indios e os raros civilisados fugidos dos seringaes que têm atravessado a região entre o Curuá e Jamauchim, estão de accordo quanto aos morros altos que tinham passado na viagem. A serra que atravessámos não é um simples planalto, mas seguramente uma das mais consideraveis se não a mais consideravel que conheço na Amazonia.

Pouco depois da bocca do affluente esquerdo agora mencionado passámos duas cachoeiras mais fortes. Me parecia agora seguro que já nos achavamos perto do salto grande, e olhava com pensamentos pouco agradaveis as margens, quando de repente uma brecha imperceptivel na parede da matta espessa, á direita, attrahiu a minha attenção. Julguei um momento que só fôsse uma arvore cahida, mas apesar da minha resolução de não deixar-me enganar ainda pelas apparencias, não pude mais desviar os olhos do logar. Tambem os indios começaram a olhar na mesma direcção e a conversar animados, e antes mesmo que eu podesse distinguir qualquer coisa, o João voltou-se para mim, dizendo: «barraca». Um momento depois não havia mais duvida; era, com effeito, uma barraca nova ainda e primitiva. aberta de tres lados. Os moradores não estavam em casa, mas viu-se pelas bilhas cheias de agua fresca e por outros indicios, que só se tinham afastado pouco antes. Para não espantal-os na sua volta deixei os indios na praia, e fiquei só a esperal-os. Foi com sentimentos muito singulares que me achei mais uma vez no meio de uma certa civilisação depois de quasi quatro semanas passadas unicamente entre selvagens.—Grande foi a surpresa dos tres seringueiros, habitantes da barraca, ao me encontrarem.

Apezar do meu exterior pouco civilizado receberam-me sem desconfiança e com a maxima cordialidade. Já tinham ouvido fallar de mim no baixo Jamauchim e parecia achar-me em presença de velhos conhecidos. Trocadas as primeiras saudações descemos á praia para buscar os indios que entretanto tinham feito «toilette», vestindo-se os homens pela primeira vez durante o dia com suas calças e camisas. O resto do dia foi uma festa grande. Os bons seringueiros, vendo as nossas caras de fome, prepararam um caitetú e d'ahi a pouco estavam todos assentados ao redor da comida, apreciando sobretudo a farinha que já nos tinha feito grande falta no rio. Até a chuva nocturna foi um prazer para nós, agora bem protegidos pelo tecto da barraca.

Na manhã seguinte comprei para os indios toda a farinha disponivel e outras provisões de que os seringueiros podiam dispor, e me despedi d'estes meus bons e fieis companheiros de viagem durante quatro semanas. Para apreciar plenamente o que elles tinham feito por mim, deve-se lembrar que me tinham acompanhado, em parte, como voluntarios, sem pagamento (afóra algumas perolas pouco ao seu gosto) sómente pela promessa de algumas mercadorias, que me comprometti mandar depois do meu regresso á capital. Tinhamos calculado a duração da viagem em pouco mais de uma semana; em vez d'isto levamos a caminhar 26 dias, carecendo do que ha de mais necessario, n'uma região deserta e inhospitaleira. Com a maior facilidade os indios podiam ter-me abandonado em caminho quando estavam cansados da viagem. Só tinham a dizer á sua volta que eu tinha morrido—coisa tanto mais verossimil, quando os meus ccmpanheiros no Curuá sabiam que eu estava soffrendo de impaludismo; porém, apezar de todos os incommodos que a viagem lhes trouxe, não me deixaram. Fieis á promessa acompanharam-me até á primeira barraca dos camaradas, e foi com pezar sincero e muita gratidão que me separei d'elles na manhã de 23 de Setembro. Aprendi a estimar e amar os indios curuahés como gente essencialmente boa, d'um caracter infantil e amavel, doces e não destituídos de intelligencia, bem dignos d'uma outra sorte que da de tantas outras tribus selvagens que

foram malvadamente aniquiladas por uma civilização nem sempre superior sob o ponto de vista moral aos seus costumes primitivos.

Na barraca soube que estava ainda a mais de um dia de viagem acima das cachoeiras grandes, e que os seringueiros que me hospedavam eram os mais avançados de uma colônia do Sr. Manoel Xisto Corrêa que, havia poucas semanas, se tinha instalado no curso superior do rio á procura de borracha e caucho. Já na manhã de 23 continuei a descida até á barraca do Sr. Ursulino Francisco de Barros, o mais antigo dos seringueiros do Jamauchim, acima das cachoeiras. Demorei aqui quasi uma semana, descendo depois as cachoeiras em companhia d'este senhor que foi a Tucunaré levar caucho e borracha.

O curso do rio fórma n'esta parte uma grande volta, cheia de cachoeiras formidaveis e perigosas. A primeira d'ellas, o Salto Grande, não deixa passar embarcação nenhuma, nem no verão nem no inverno: é preciso transportar as canôas por terra n'um percurso de quasi um kilometro. Seguem-se depois mais de vinte cachoeiras fortes, das quaes só cito as mais consideraveis: Sete Bocas, Curupí, Capivara, Travessão de Sangue (por causa das pedras de côr vivamente vermelha), Cuxiú, Pedra do Pavão, Canal do Inferno, Barbado, Estiva, Faca, Fumaça e os dois Portões de cima (assim chamados para distinguil-os de uma outra cachoeira do mesmo nome no curso inferior do rio). Foi uma serie quasi ininterrupta de cachoeiras e cachoeirinhas, pancadas e rebojos, que apesar da pequenez e do pouco peso da nossa canôa nos deu trabalho durante 5 dias. O Salto Grande consistia n'este tempo de varios canaes estreitos, espalhados sobre a largura de mais ou menos cem metros, o que indica o leito do rio no tempo da cheia; n'estes canaes havia pancadas de quatro e mais metros de altura. Immediatamente acima do Salto o rio fórma uma vasta bacia, cheia de ilhas, lembrando uma paragem acima da Cachoeira grande do Iriri. As cachoeiras da Capivara e da Fumaça são muito compridas, occupando com seus rebojos e pancadas um espaço de alguns kilometros cada uma. O canal do Inferno é considerado como uma das partes mais perigosas do rio; felizmente um braço lateral offerece uma

passagem mais navegavel. As cachoeiras do Cuxiú e da Faca consistem no verão de um só salto forte de alguns metros de altura. No inverno a massa total da agua do rio precipitando-se a espumar n'estas fendas da rocha deve offerecer um espectáculo em verdade grandioso. Fiquei muito surprehendida com o aspecto do Portão, cuja furia no anno passado me tinha forçado a voltar. A agua corria agora socegada e sem vestigio nenhum de cachoeira entre os dois grandes pilhares de rocha, aos quaes é devido o seu nome. É cachoeira de inverno por excellencia, sendo então uma das mais perigosas da serie inteira.

Tendo passado os Portões na tarde de 4 de Outubro, entrámos na parte «mansa» do rio, que quasi não interrompida por cachoeiras (além de algumas cachoeirinhas fracas) se estende até Sta. Helena. Avançando lentamente e demorando muito em casas de seringueiros que começam a abundar aqui, passámos a bocca do Arury, affluente importante da margem direita do Jamauchim, na tarde de 6 de Outubro e chegámos ao anoitecer do mesmo dia a Tucunaré, a casa do sr. Xisto Corrêa.

Aqui tambem foi grande a surpresa dos amigos, vendome chegar, conforme a minha promessa do anno passado, do lado do Xingú, e grande foi a minha alegria de achar-me mais uma vez n'um logar onde tinha passado tantos dias agradaveis. Porém, encontrando aqui o meu velho companheiro de viagem, o Sr. Bentes de Paranatinga, que pretendia partir na manhã seguinte e teve a gentileza de offerecer-me passagem em sua canôa, resolvi aproveitar o offerecimento e seguir com elle. Apesar de não haver cachoeiras luctámos agora com difficuldades devidas á secca do rio, que estava em seu auge, chegando a Sta. Helena só na tarde de 8.

Mais ou menos na metade do caminho entre Tucunaré e Sta. Helena, passa-se a bocca do Tocantins, o maior affluente do Jamauchim, já habitado ha mais de dez annos e rico de borracha e caucho. E' este o rio chamado Tocantins por Coudreau e aproveito a occasião para corrigir alguns erros nas informações d'aquelle senhor.

O Arury é affluente da margem direita do Jamauchim; sómente a sua bocca é habitada, e contam que o seu curso

é obstruído logo adiante por uma fortíssima cachoeira. O Tocantins é afluente da margem esquerda do Jamauchim, e isto basta para desmentir a notícia (Coudreau, *Voyage au Tapajós*, p. 22) de uma comunicação por meio de lagos e pantanos entre elle e um afluente ou subafluente do Xingú.

Pouco acima de Sta. Helena acha-se a primeira cachoeira forte do baixo Jamauchim, que cahe na bacia de Sta. Helena, cheia de ilhas verdescentes e circumdada de morros consideráveis, um dos mais bonitos pontos do Jamauchim, quanto á paisagem. A cachoeira de Sta. Helena, situada no meio d'esta bacia é pouco consideravel. Para facilitar o trafego n'esta parte do rio, o sr. Bentes de Paranatinga abriu uma estrada na margem esquerda, por meio da qual pôde-se evitar a descarga frequente das mercadorias e bagagens nas cachoeiras do Apuhy e de Urubuquara. Também o Sr. Manoel Xisto Corrêa tem a intenção de abrir uma estrada do alto Portão até ao Salto Grande, para facilitar a passagem da volta do Jamauchim onde se acham as formidáveis cachoeiras de cima.

De Sta. Helena continuei a viagem no dia 11 de Outubro, chegando a S. Joaquim (na bocca do Jamauchim) na tarde de 15 e a S. Luiz, ponto terminal da navegação a vapor do Tapajoz a 16 de Outubro. Immediatamente abaixo de Sta. Helena encontra-se a cachoeira de Ananá e pouco mais adiante as outras cachoeiras do baixo Jamauchim: Travessãosinho, Portão, Travessão Grande, o formidável Cahy, o Capão e o Capãosinho, a cachoeira da Boa Esperança, a do Bebal e o Manelão. No Travessão Grande e no Bebal o leito do rio é dilatado, formando estas bacias quasi lacustres que parecem características para muitas das cachoeiras do Jamauchim e do Iriri. No Cahy, ao contrario, a agua passa por uma fenda estreita de aproximadamente 30 metros de largura, formando pancadas e saltos perigosissimos que só deixam passar as canôas á custa de muito perigo. É esta a cachoeira mais receiada da região e o «cemiterio de Cahy» na sua vizinhança já está muito cheio. O Portão de baixo offerece um aspecto singular: o rio tem aqui algumas centenas de metros de largura mas um paredão de pedras, lembrando pela sua re-

gularidade mais uma obra do homem que um dique natural, atravessa-o de um lado ao outro, deixando só passar a agua por duas fendas estreitas, de poucos metros de diametro, os «portões». É tão perfeita cachoeira de inverno como as Portões de cima.

A causa d'este phenomeno surprehendente para quem só viu estas cachoeiras n'uma das estações oppostas, é a mesma em ambos os casos. No verão, no tempo da secca mais intensa, as aberturas dos rochedos bastam perfeitamente para dar passagem á pouca agua que então desce; porém, com a enchente, estas fendas não bastam mais. A agua fica represada atraz dos paredões, elevando-se mais e mais, enquanto o rio em baixo, recebendo só a pequena parte da agua que passa pelos portões, cresce em proporções muito menores. No fim a differença é tal que se formam saltos de alguns metros de altura, nos quaes a agua cahe com força enorme, formando rebojos muito perigosos ao pé da cachoeira. Tambem o Portão de baixo tem o seu cemiterio já bastante cheio.

Como o baixo Iriri e Curuá, tambem o baixo Jamauchim e Tocantins se acham n'um estado de cultura relativamente adeantada. Sta. Helena e Tucunaré, para só fallar d'estes dois, já agora são centros importantes de commercio e agricultura, tendo indubitavelmente um futuro brilhante. O rio é reputado sadio e produz abundantemente fructas e legumes. Tambem ha tentativas para introduzir e criar gado vaccum e burros nas suas margens que promettem o melhor exito. Sob todos os aspectos os rios Iriri, Curuá e Jamauchim apresentam-se na sua parte civilisada como uma das mais ricas e adeantadas regiões do interior do Pará, das quaes o Estado tem toda a razão de se orgulhar. Termino com saudações gratas e cordiaes aos numerosos amigos que deixei nas suas margens.

Iriri-Curuá-Jamanchim

(Xingú- und Tapajozgebiet)

Nach der Routenaufnahme 1909

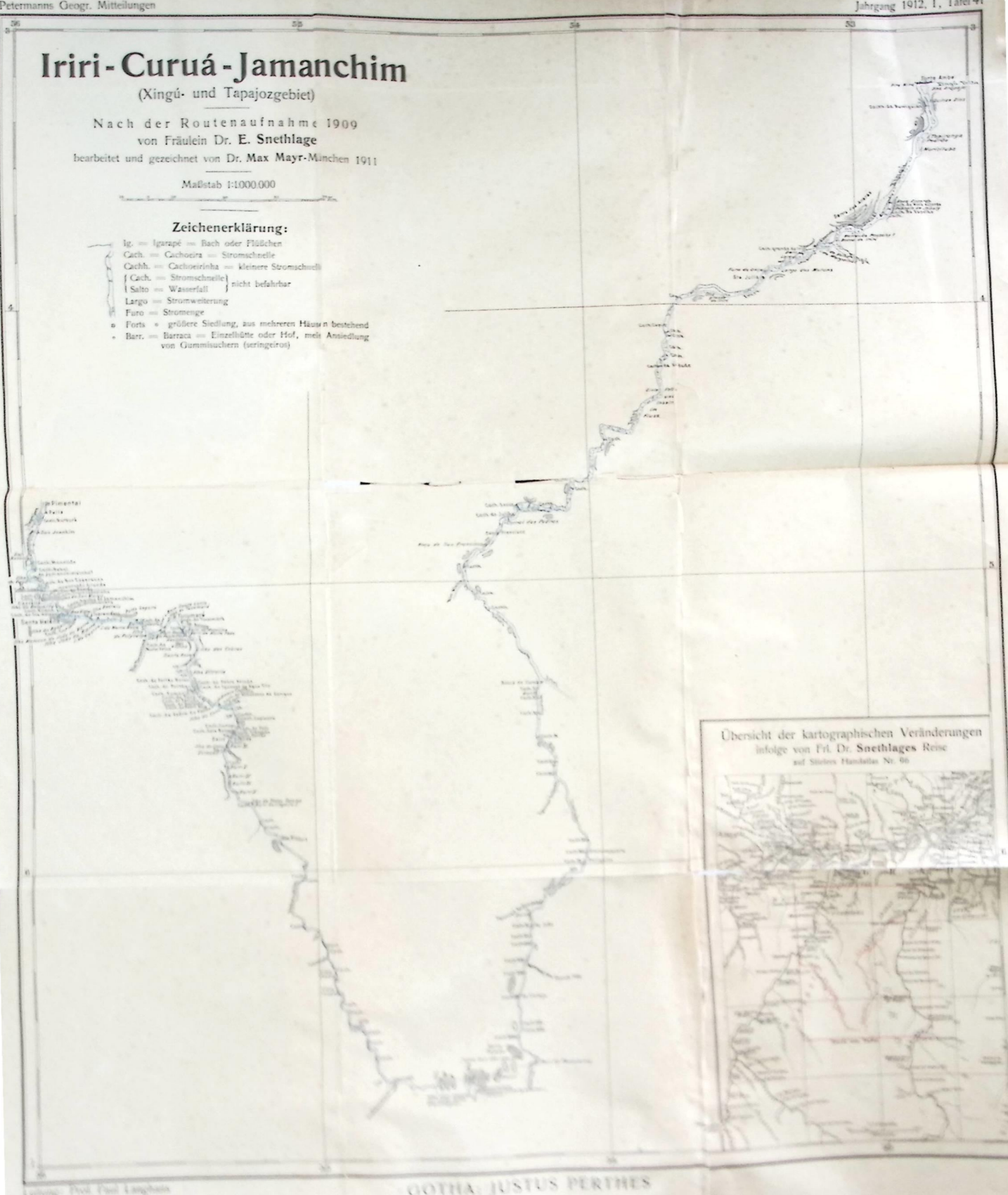
von Fräulein Dr. E. Snethlage

bearbeitet und gezeichnet von Dr. Max Mayr-München 1911

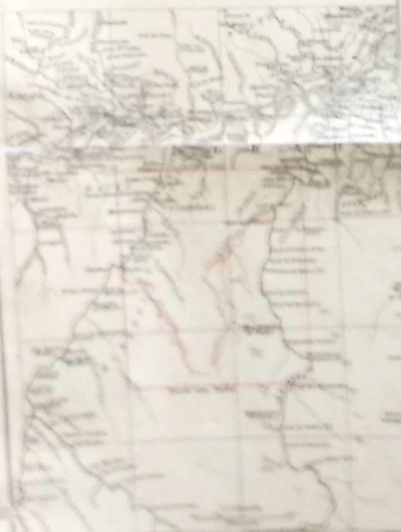
Maßstab 1:1000.000

Zeichenerklärung:

- Ig. = Igarapé = Bach oder Flößchen
- Cach. = Cachoeira = Stromschnelle
- Cachh. = Cachoeirinha = kleinere Stromschnelle
- Cach. = Stromschnelle } nicht befahrbar
- Salto = Wasserfall
- Largo = Stromweiterung
- Furo = Strömung
- Fort = größere Siedlung, aus mehreren Häusern bestehend
- Barr. = Barraca = Einzellötte oder Hof, meist Ansiedlung von Gummisuchern (seringueiros)



Übersicht der kartographischen Veränderungen
infolge von Fräulein Dr. Snethlages Reise
auf Stationen Handatlas Nr. 66

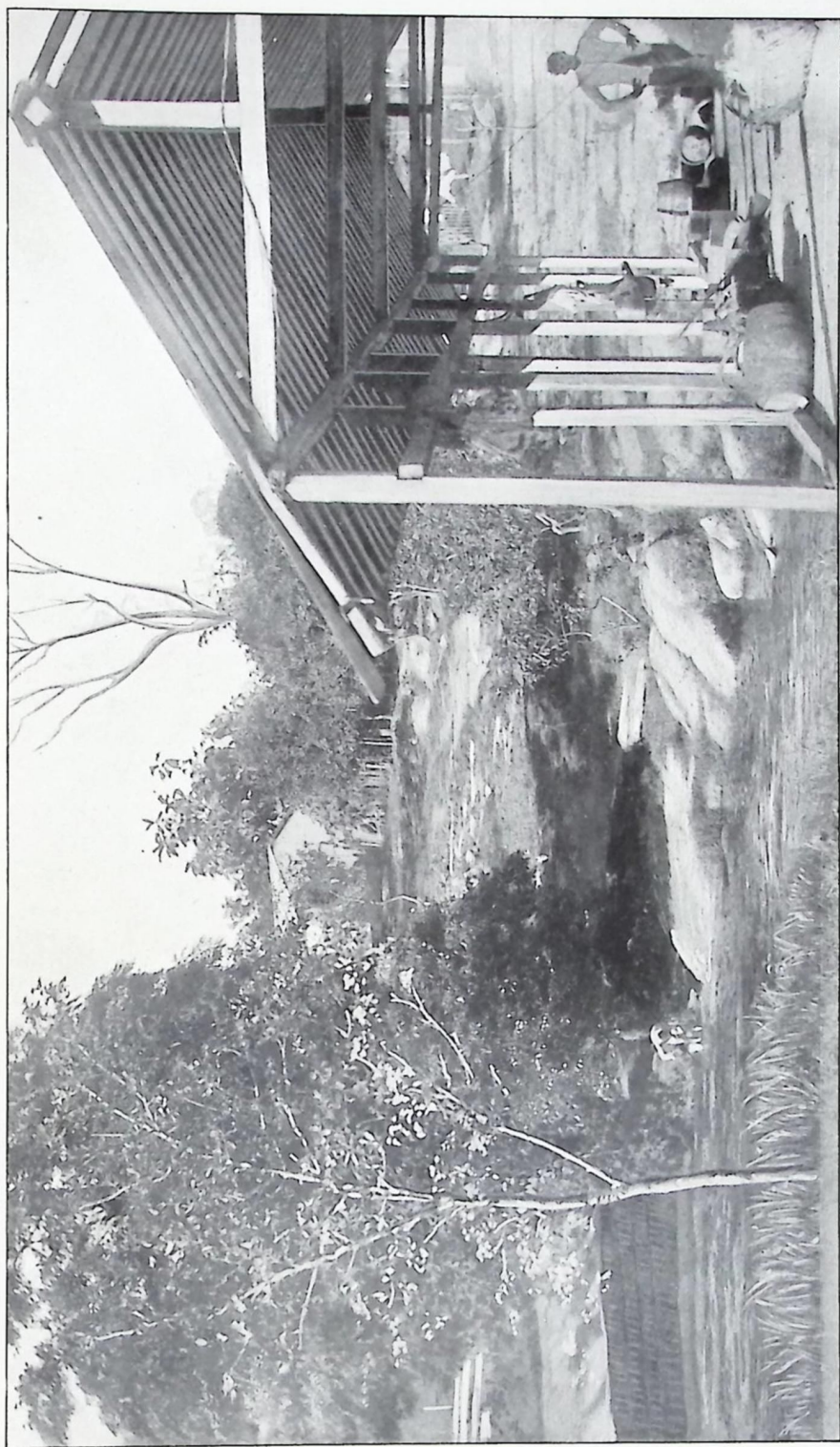




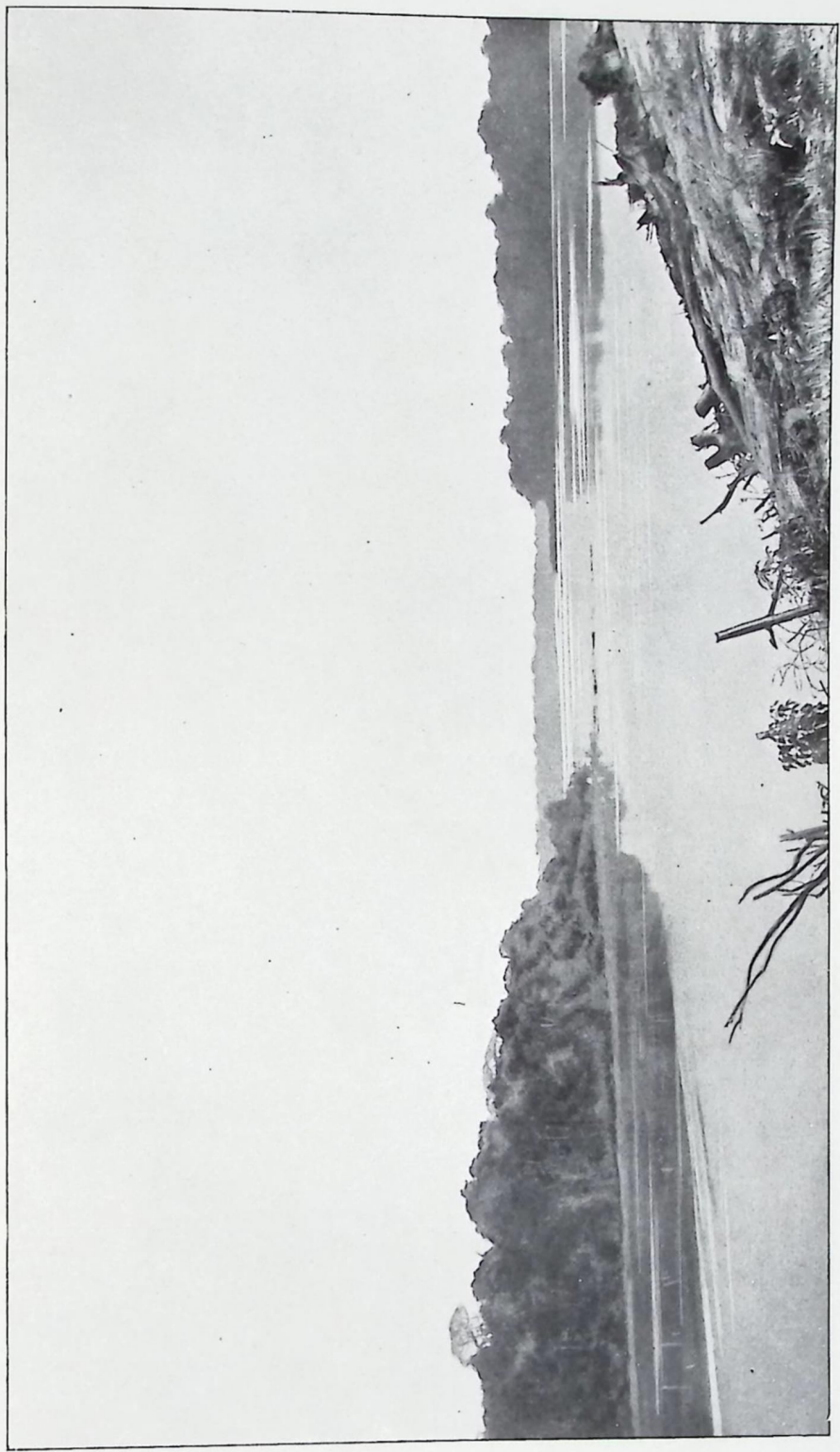
Igarapé de Victoria.



Victoria, vista da matta.



Ponte Nova, na Estrada do Xingú.



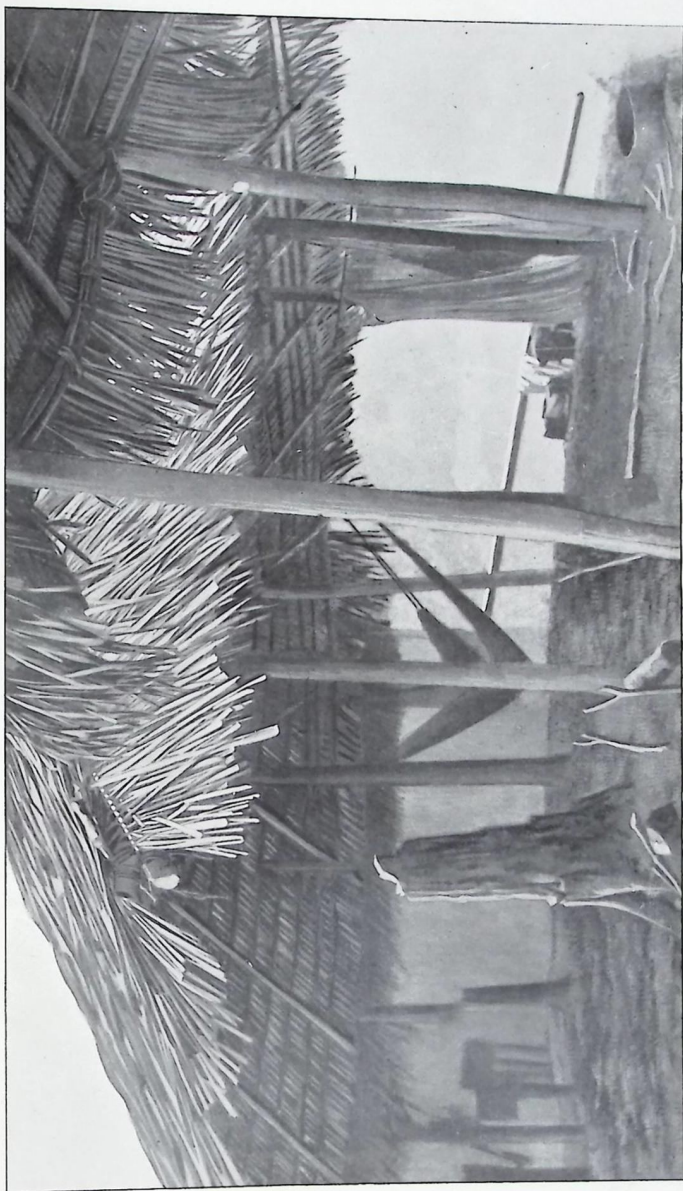
Vista do Iriri, á Bocca do Curuá (rio acima).



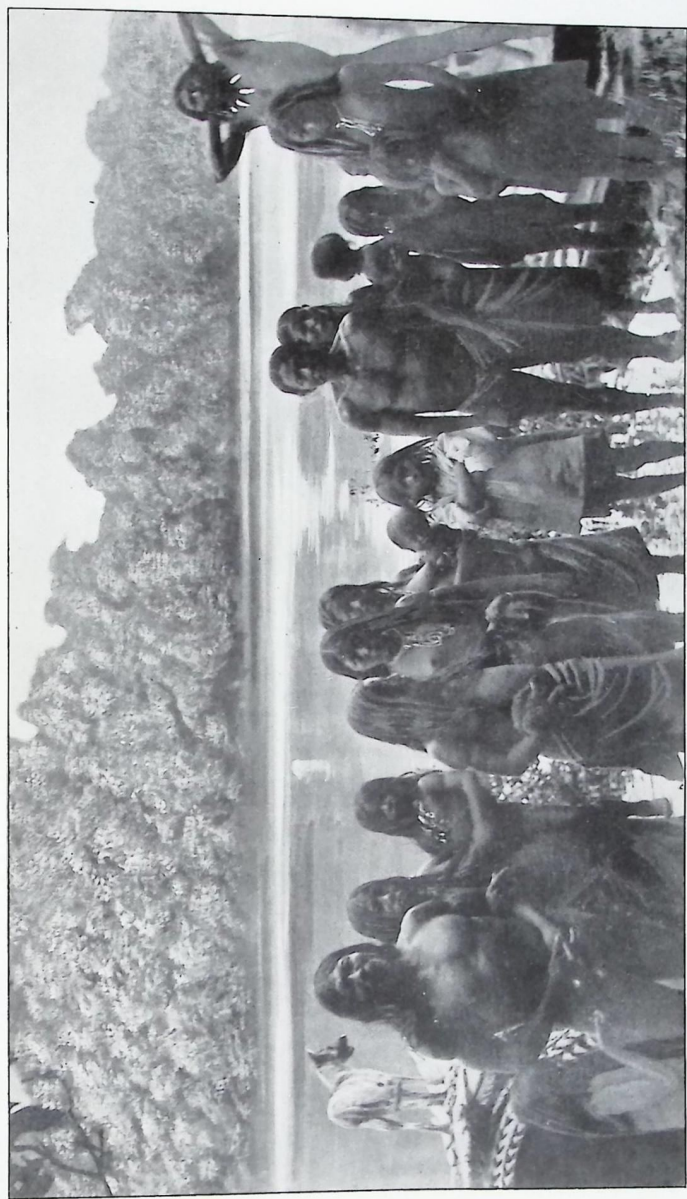
Vista do rio Curuá, da Maloca de Manoelzinho.



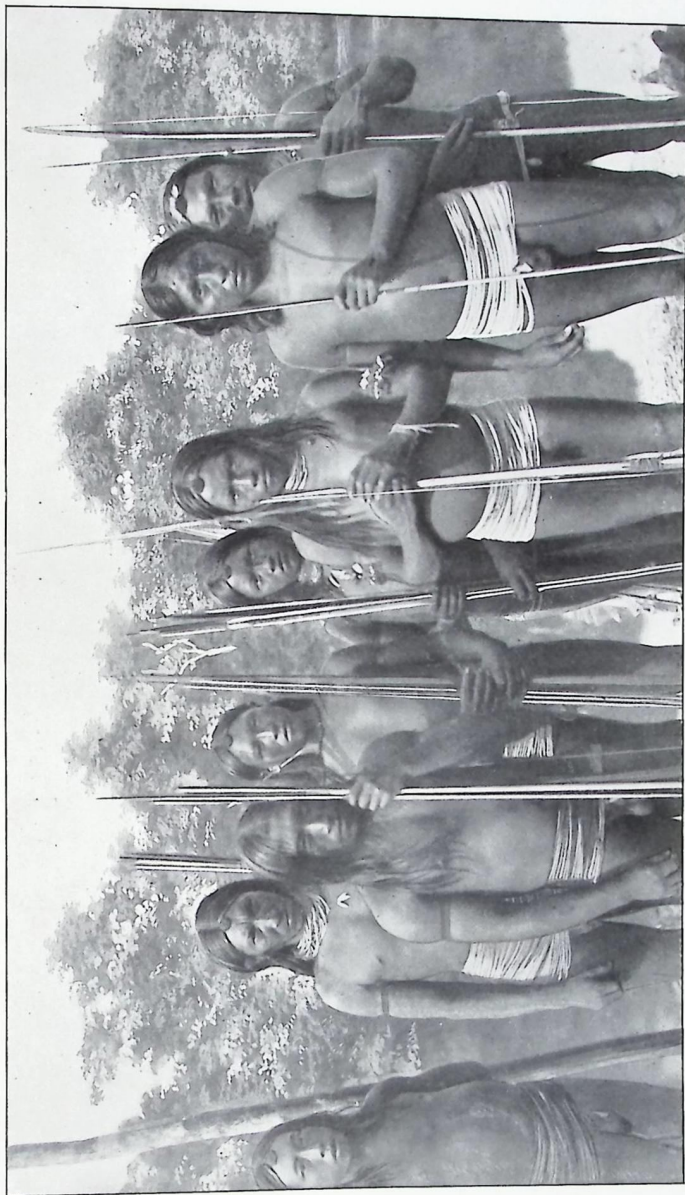
Manoelzinho e os seus companheiros, á bocca do Curuá.



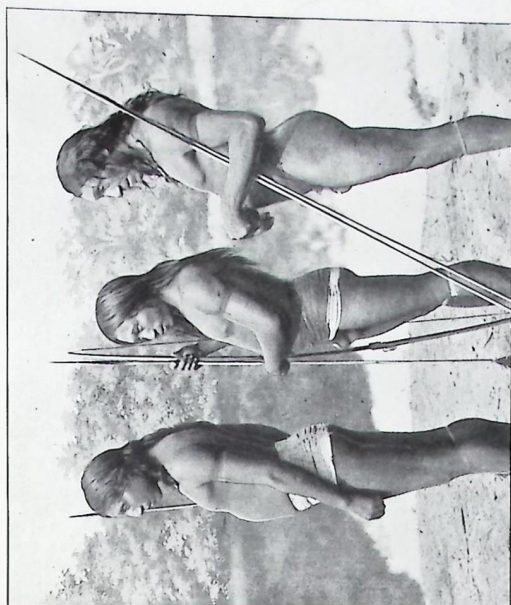
Interior da Maloca de Manoelzinho.



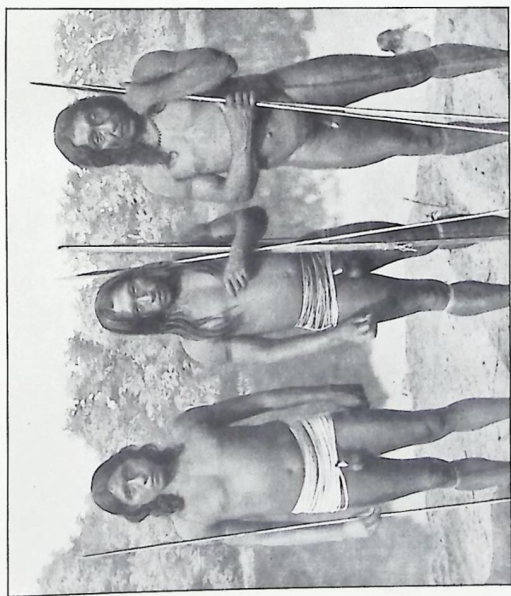
Grupo de índios Chipaya e Curuahé, na margem do Curuá.



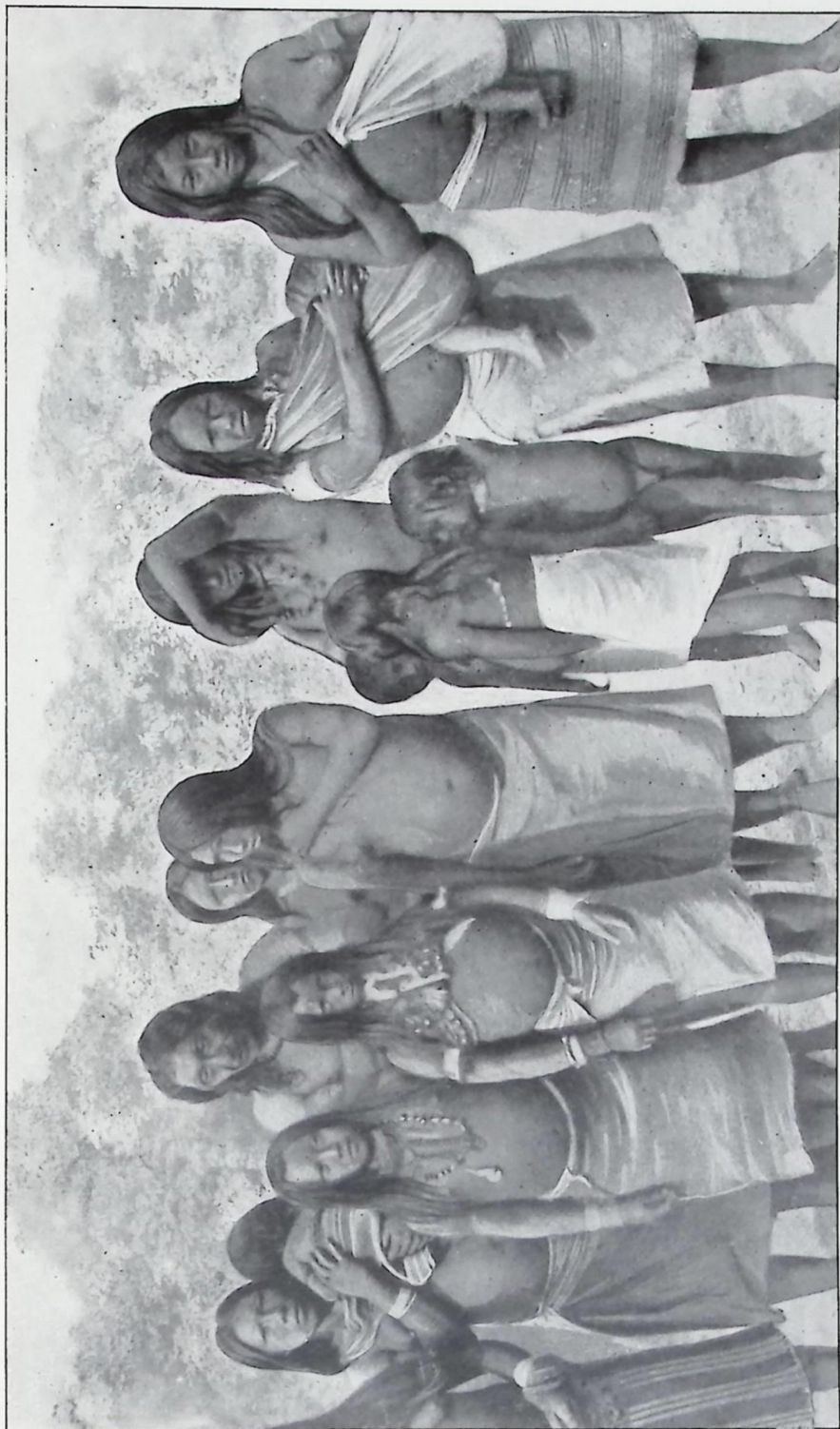
Grupo de índios Chipaya e Curuahé.



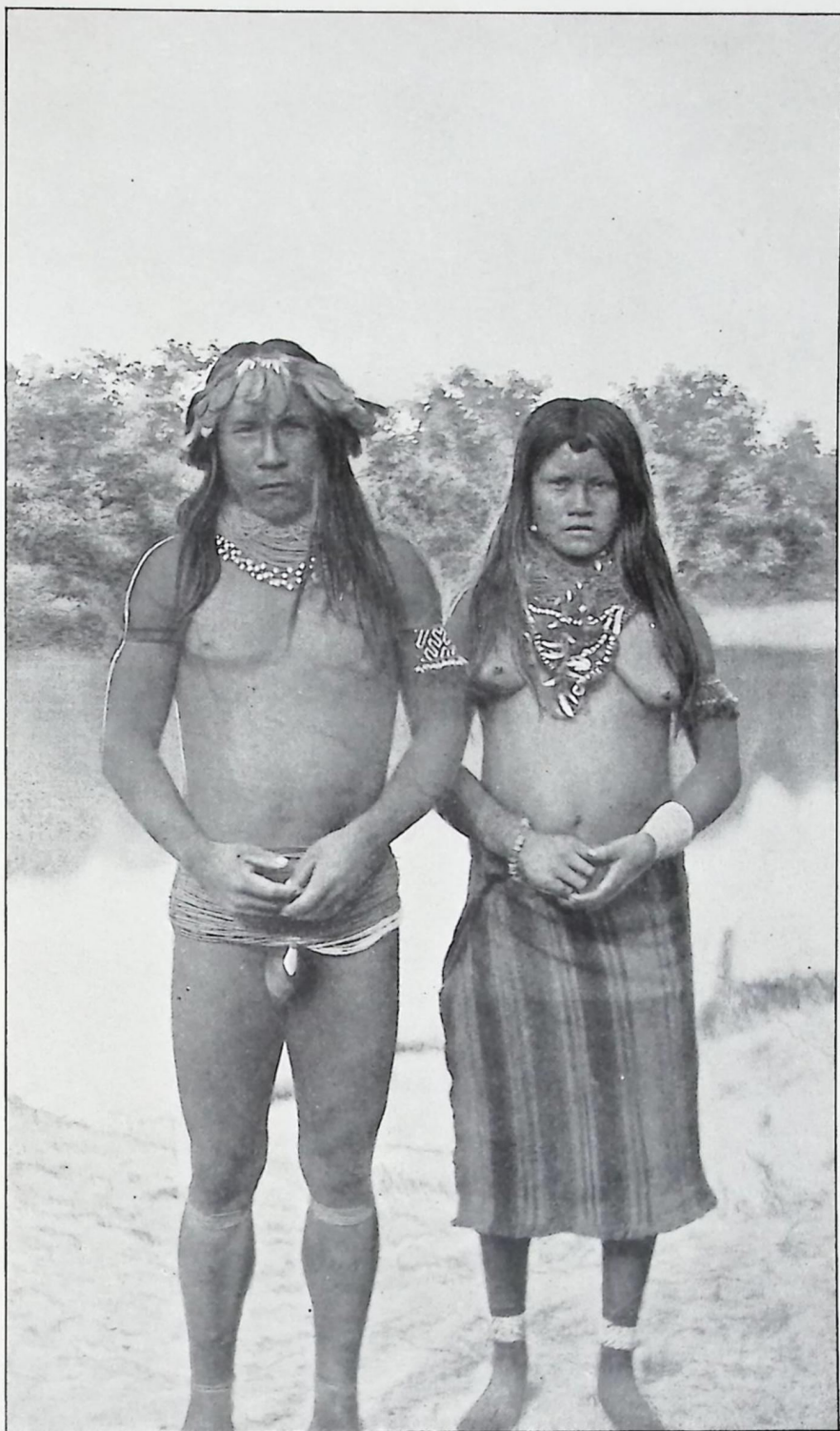
Os mesmos.



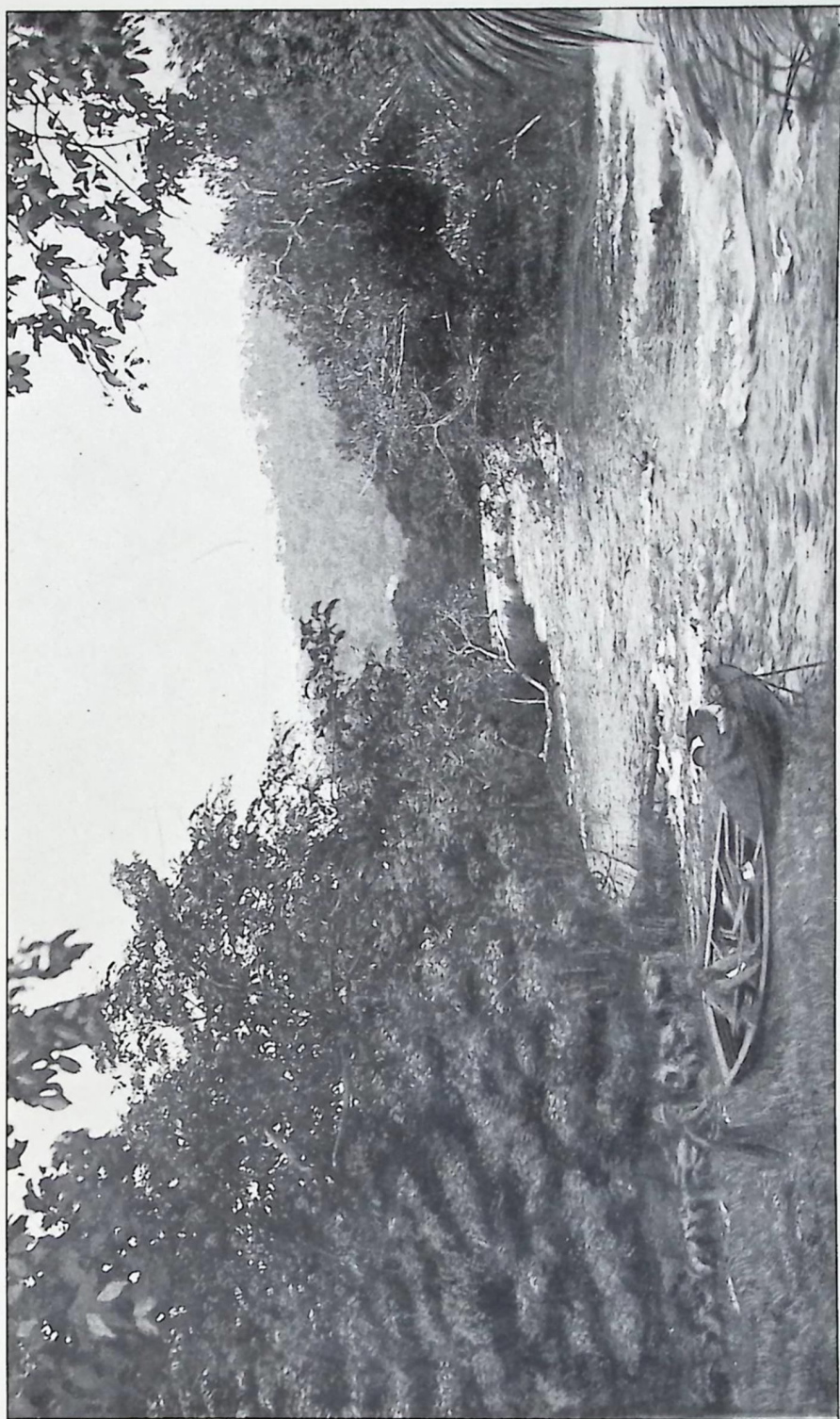
Tres dos meus guias (Curuahé).



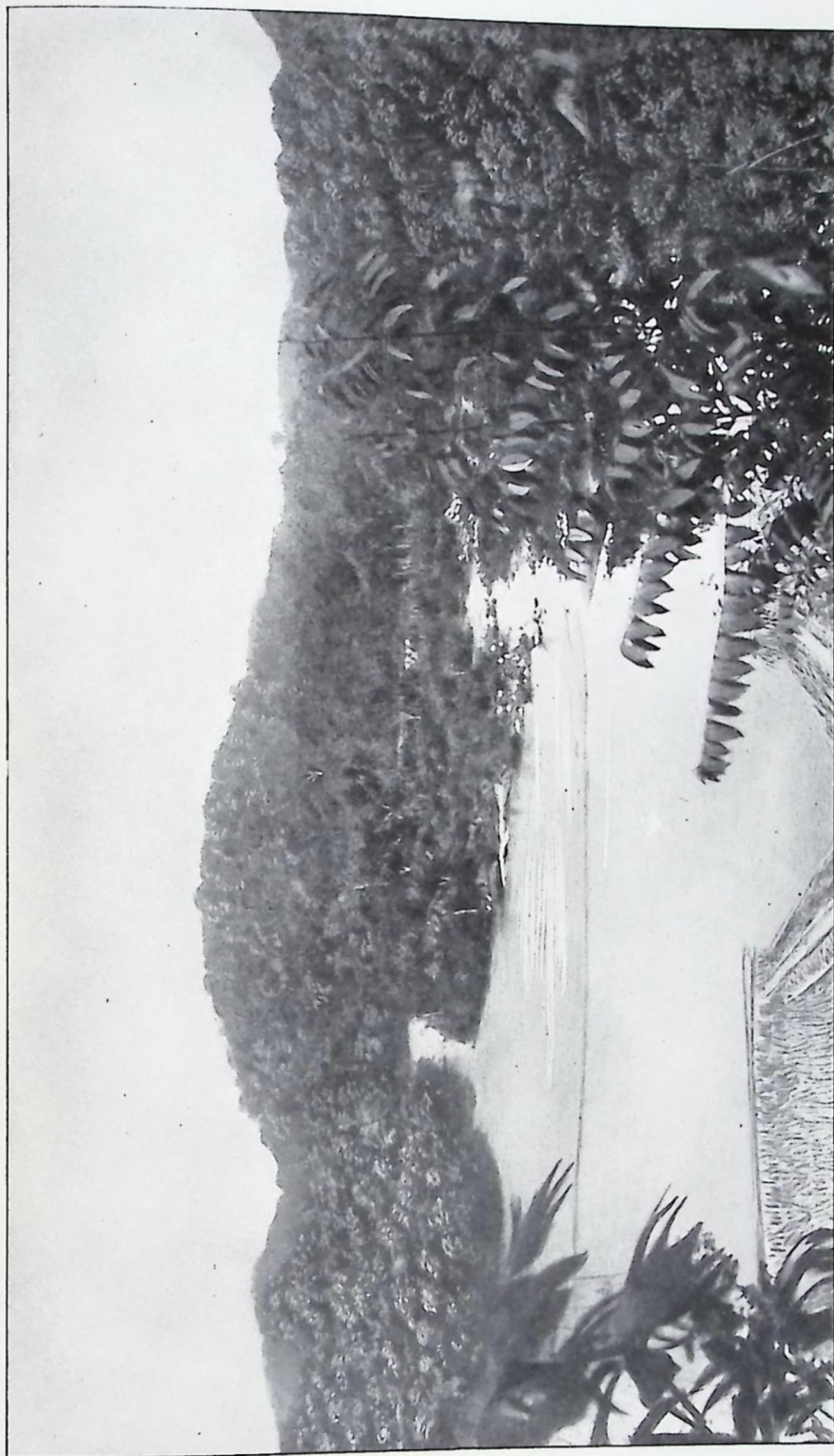
Grupo de índias Chipaya e Curuahé.



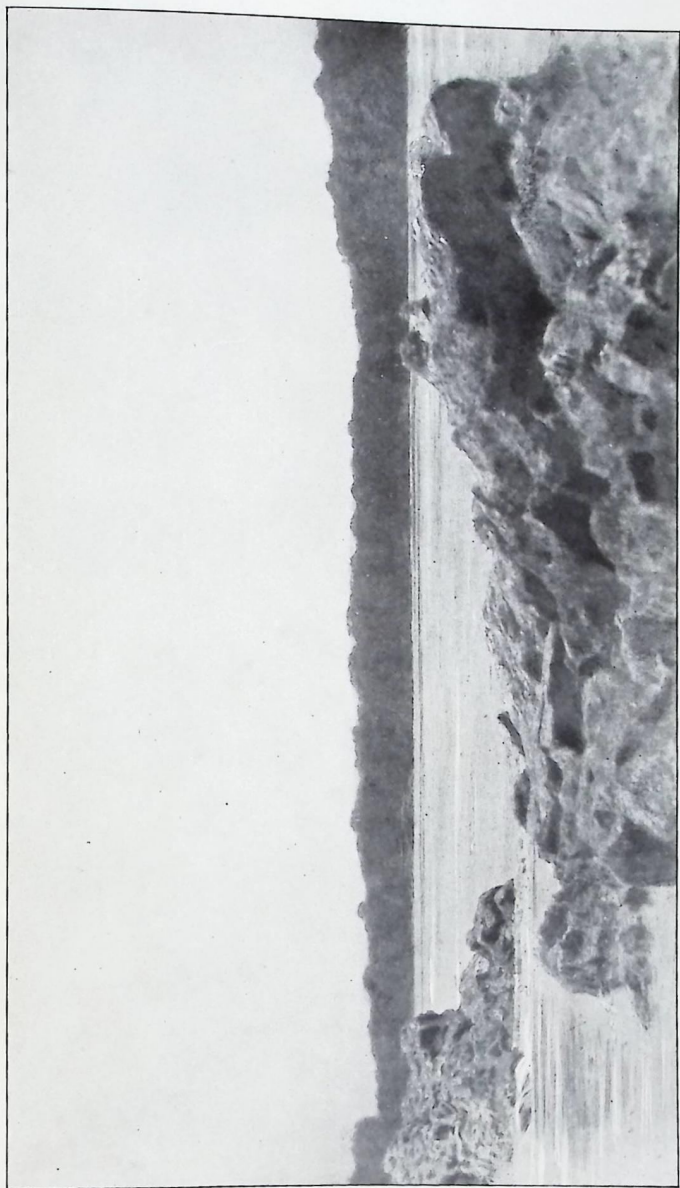
Cazal de indios Chipaya.



Um braço da cachoeira Urubuquara, no rio Jamauchim.



Vista da bacia de Sta. Helena, no rio Jarnauchim.



“Portão” do baixo Jamauchim (em principio de novembro).